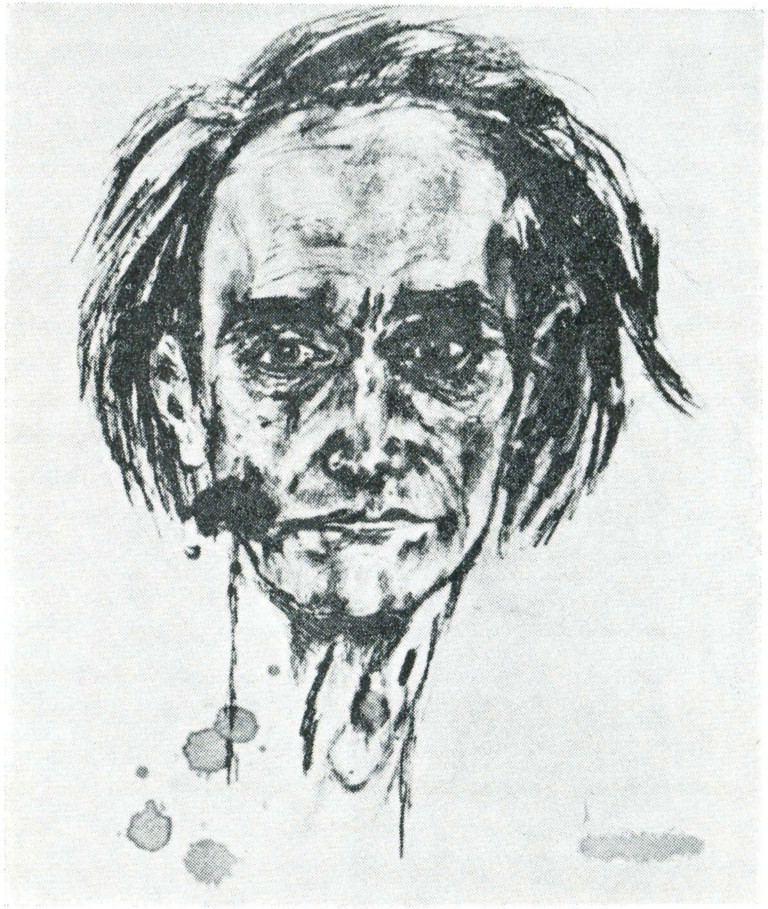
&etc

PARA ACABAR DE VEZ COM O JUIZO DE DEUS

antonin ARTAUD

seguido de O TEATRO DA CRUELDADE



artaud

PARA ACABAR
DE VEZ COM O
JUÍZO DE DEUS
seguido de O TEATRO
DA CRUELDADE

PARA ACABAR DE VEZ COM O JUÍZO DE DEUS
SEGUIDO DE
O TEATRO DA CRUELDADE,
de ANTONIN ARTAUD,
é uma edição & etc
traduzida por
Luiza Neto Jorge
e
Manuel João Gomes.

Título original:
POUR EN FINIR AVEC LE JUGEMENT DE DIEU
SUIVI DE
LE THÉATRE DE LA CRUAUTÉ

© Éditions Gallimard (1975)
e,
para a língua portuguesa,
& etc — Publicações Culturais Engrenagem, Lda.
— Rua da Mãe d'Água, 13, 2.°, Dt.° — Lisboa-2

Capa de & etc

PARA ACABAR DE VEZ COM O JUÍZO DE DEUS

antonin ARTAUD

seguido de O TEATRO DA CRUELDADE

Prefácio 7
Nota da edição francesa 11

PARA ACABAR DE VEZ COM O JUÍZO DE DEUS . . 13
  Tutuguri, o rito do sol negro 21
  A procura da fecalidade 27
  Põe-se a questão de... 35
  Conclusão 45

O TEATRO DA CRUELDADE 51
  Post-scriptum 63
  Post-scriptum 65

CARTAS SOBRE O JUÍZO DE DEUS 67

DOSSIER DE «PARA ACABAR DE UMA VEZ COM O JUÍZO DE DEUS» 97
  Para preparar a emissão 99
  Texto de abertura 109
  Aviso de missa 117
  A procura da fecalidade 125
  Conclusão 137
  O teatro da crueldade 147

EXTRACTOS DA IMPRENSA DA ÉPOCA 159

SOBRE ESTE DISCURSO QUE A SOCIEDADE NÃO ACEITA E QUE RELEGA PARA A ARTE

Toda a nossa época está peneirada por Artaud. As questões-chave que após Maio (68) se põem no campo revolucionário, no campo total da ideologia, foram directa ou indirectamente determinadas por ele.

(Ph. SOLLERS)

A poesia nunca é apreciada pela Sociedade e, se o poeta fala alto demais, acaba num tratamento psiquiátrico.

(David COOPER)

Antonin Artaud ter-se-á proposto reunir aqui em quarenta minutos tudo aquilo que a sua obra comporta de mais violento e mais agressivo — o que conseguiu perfeitamente.

(R. GRILLY, in «Combat», 7.2.48)

SE TODOS OS PROBLEMAS que hoje se põem aos revolucionários, todos os que se põem ao nível da produção significante, foram já formulados por Artaud,

todos eles estão no poema que se vai ler, por acaso o primeiro do autor-Artaud editado em livro em Portugal.

Pouco tempo depois deste poema que resume toda a luta titânica de Artaud, o poeta morreu, e o seu esgotamento é visível num dos textos deste livro (a carta a Paule Thévenin).

A sua morte deixou descansada a Kultura durante uns anos (não muitos, afinal), acabaram os escândalos na **Radiodiffusion française**, todos os plumitivos se viraram para outros valores, um dos quais é a cultura de massas, tantas vezes referida nos extractos da Imprensa que formam a última parte deste volume. Nunca tantos reaccionários se devem ter reunido num coro pró-massas, pró-cultura de massas,

umas vezes em nome do catolicismo, outras em nome do bom-senso, outras em nome do **Figaro**, e até muitas vezes em nome da liberdade.

Tudo para se evitar que um poeta pusesse às massas problemas cujo desconhecimento as mantém amorfas e anti-progresso.

Os ditos extractos da Imprensa da época,

na sua pouca originalidade, na sua incapacidade para interpretarem uma linguagem, de chegarem ao conhecimento de uma personalidade, de perceberem os factos historico-individuais,

são todavia um caminho fácil para tentarmos perceber aquilo que no poema de Artaud é anti-ideologia, anti-burguesia, anti-gramática, anti-kultura.

Pela mão da sua «vanguarda» mais activa — o Jornalismo em cima do joelho — a «Kultura», face ao poeta, sente-se na necessidade de expor os seus tabus:

ela não tolera gritos e do poema de Artaud faz parte o grito, as sílabas-brados inexistentes em qualquer língua do mundo;

do poema de Artaud faz parte o rugido primitivo que o poeta-sujeito liberta: tabu para a linguagem vulgar;

é tabu recusar a fala linear; e o poeta inventa palavras, modifica outras, martela e cola palavras, põe — é o mais grave — as palavras a fazer amor, sexualizando a língua que a Kultura sempre procurou tornar em véu ocultador da sexualidade;

o poeta faz o possível por manter a linguagem próxima do impulso primitivo, corpórea e espasmódica;

o poeta explode no poema sem-sentido-sem-sintaxe, atinge a glória despedaçado, esparso, participante na vida do cosmos;

o poema finalmente exemplifica, antes de explicar, aquilo que a Kultura não compreende: que (cf. carta de Artaud a Breton) «as abomináveis instituições que nos espartilham, a pátria, a família, a sociedade, o espírito, os conceitos, as percepções, as sensações, os afectos, o coração, a alma, a ciência, a lei, a justiça, o direito, a religião, as noções, o verbo, a linguagem, já não correspondem a nada de real».

ABAIXO AS NOÇÕES, A SINTAXE, A LEI!
POR UMA LITERATURA FURIOSA!
ABAIXO OS TABUS SOCIO-GRAMATICAIS! FIM AO JUÍZO DE DEUS!
& VIVA
& VIVA
& VIVA A. ARTAUD!

& etc

NOTA DA EDIÇÃO (Tomo XIII) DA «OBRA COMPLETA» DE ARTAUD

PARA ACABAR DE VEZ COM O JUÍZO DE DEUS foi publicado em 1948 (a data final da impressão é de 30 de Abril de 1948) pelo editor K. Tiragem: dois mil exemplares, dos quais quatrocentos e cinquenta e cinco em papel especial (trinta em **vergé** calandrado de Arches, quatrocentos e vinte em **chiffon** de Marais e cinco em papel Japão), constituíam a edição original.

O contrato fora assinado com o editor K em 12 de Fevereiro de 1948, poucos dias depois de ser proibida a emissão radiofónica por Wladimir Porché, director-geral da Radiodifusão Francesa, sendo aliás devido a essa mesma proibição a decisão de Antonin Artaud publicar imediatamente **Para acabar de vez com o juízo de deus.** O texto que foi enviado ao editor K era o texto inicial, sem os cortes pedidos pelo autor depois de ter ouvido a gravação, a fim de obter uma maior eficácia sonora.

Tutuguri tinha sido publicado no **Combat**, em 13 de Fevereiro de 1948, como fragmento de **Para acabar de vez...**, precedido desta curta introdução:

Publicamos abaixo um dos poemas que fazem parte do texto que Antonin Artaud devia dizer na rádio, aquando da famosa emissão «adiada».

Para publicar o texto integralmente, como a tal fomos convidados pelo Ministério da Informação, precisaríamos de dispor de seis páginas deste jornal. Nele se encontram, é certo, imagens um tanto fortes, mas ver-se-á talvez pelo fragmento junto que a inspiração de Artaud não se confunde exactamente com o que dizem os detractores do poeta.

Foi sem dúvida para responder a esta exortação que em Março de 1948 alguns jovens que acabavam de fundar uma revista publicaram **Para acabar de vez**... no seu primeiro número (**Nyza**, n.° 1, 1948). O texto publicado, que era acompanhado da indicação **Texto integral, proibido na Rádio**, continha os cortes que haviam sido recomendados por Antonin Artaud para a sua difusão.

A preparação da obra foi assegurada pelo editor K: Antonin Artaud morrera a 4 de Março de 1948. Ao texto propriamente dito juntou o editor um certo número de documentos: extractos da imprensa, cartas e variantes. Encontrar-se-á no final a maior parte dos primeiros; as cartas relativas à emissão foram publicadas incompletamente, pois o editor seleccionara-as e praticara cortes em algumas; na presente edição encontraremos todas as cartas que foram endereçadas a Fernand Pouey, completadas por algumas outras. As variantes foram também completadas e reunidas no **Dossier de Para acabar de vez com o juízo de deus** seguido de **O Teatro da Crueldade.** Por outro lado, fizemos acompanhar **Para acabar de vez**... com um poema que deveria estar incluído nele e que tinha sido escrito especialmente para a emissão, mas que foi posto de parte por razões de tempo de gravação: **O Teatro da Crueldade.**

PARA ACABAR DE VEZ COM O JUÍZO DE DEUS

kré
kré
pek
kré
e
pte

tudo isto deverá
alinhar-se
com extrema precisão
numa sucessão
fulminante

pucta
pukta
lile
pektile
kruk

TIVE ontem conhecimento
(e ou eu ando atrasado, ou talvez não passe de um boato falso, de um desses tristes mexericos divulgados entre lavatório e latrina à hora de expulsão das refeições uma vez mais ingurgitadas),
tive ontem conhecimento
de uma das mais sensacionais práticas das escolas oficiais americanas, daquelas que certamente contribuem para que esse país se considere à cabeça do progresso.

Parece que entre os exames ou provas a que uma criança que pela primeira vez entra para uma escola oficial tem que se submeter, uma prova existe conhecida pela prova do líquido seminal ou do esperma,
a qual consistiria em pedir-se a essa criança recém-chegada um pouco do seu esperma a fim de o introduzir numa proveta e de assim o ter pronto para todas as experiências de fecundadação artificial susceptíveis de virem a efectuar-se.
Porque cada vez mais os americanos acham que têm falta de braços e de crianças,
quer dizer não de operários
mas de soldados,

e assim a todo o custo e por todos os meios possíveis e imagináveis pretendem fazer e fabricar soldados
com vista a todas as guerras planetárias que ulteriormente possam vir a travar-se
e que se destinam a demonstrar pelas esmagadoras virtudes da força
a supremacia dos produtos americanos e dos frutos do suor americano em todos os campos de actividade e de dinamismo passível de força.
É que é necessário produzir,
necessário, mediante todas as possíveis formas de actividade, substituir a natureza onde quer que esta possa vir a ser substituída,
necessário abrir à inércia humana um mais lato campo,
necessário que o operário tenha onde se empregar,
necessário criar novos campos de actividade,
para então enfim se instaurar o reino de todos os falsos produtos fabricados,
de todos os ignóbeis ersatz sintéticos
onde a bela natureza verdadeira não tem lugar
cedendo de uma vez para sempre que vergonha o lugar a todos os triunfais produtos de substituição,
onde o esperma de todas as fábricas de fecundação artificial
se excederá na produção de exércitos e couraçados.
Acabaram-se os frutos, acabaram-se as árvores, acabaram-se as plantas farmacológicas ou não e acabaram-se por conseguinte os alimentos
agora só produtos de síntese, à farta,

nos vapores,
nos humores especiais da atmosfera, em eixos especiais das atmosferas extraídas à força e por meio de síntese às resistências de uma natureza que da guerra só conheceu o medo.
E viva a guerra, não é assim?
Pois, é claro, com tudo isto é a guerra o que os americanos prepararam e vão passo a passo preparando.
Para defender esta insensata maquinagem da concorrência que de toda a parte necessariamente surgiria,
há que ter soldados, exércitos, aviões, couraçados.
E daí esse tal esperma
em que os governos da América parece terem tido o descaramento de pensar.
É que nós temos mais de um inimigo
à espreita, meu filho,
nós, os capitalistas natos,
e entre esses inimigos,
a Rússia de Estaline
a quem também não faltam braços armados.
Tudo isto está muito bem,
mas eu é que não pensava que os americanos fossem um povo assim tão guerreiro.
Quem vai à guerra dá e leva
e eu já vi de facto uma quantidade de americanos na guerra,
mas sempre por detrás de infindáveis filas de tanques, aviões, couraçados que lhes serviam de escudo.

Vi máquinas lutarem imenso
mas só lá muito ao longe
no infinito
os homens que as conduziam.

Perante esse povo que dá de comer aos seus cavalos, bois e burros as últimas toneladas de morfina autêntica que ainda lhe restam, para a substituírem por ersatz de fumo,
prefiro essoutro povo que deitado por terra come o delírio que lhe deu a vida,
refiro-me aos Tarahumaras
comendo o Peyotl rente ao chão
à medida que ele nasce
e que mata o sol para instaurar o reino da noite escura,
e que racha a cruz para que os espaço do espaço jamais possam vir a encontrar-se e a cruzar-se.

E assim ides agora ouvir a dança do TUTUGURI.

TUTUGURI
O RITO DO SOL NEGRO

E lá em baixo, lá mesmo ao fundo da encosta amarga,
cruelmente desesperada do coração
abre-se a clareira das seis cruzes,
lá mesmo ao fundo
como que engastada na terra amarga,
desengastada do imundo amplexo da mãe
peçonhenta.

A terra de carvão negro
é o único sítio húmido
nesta fenda de rochedo.

O Rito é o novo sol passar por sete pontos antes de explodir
no orifício da terra.

E há seis homens,
um para cada sol
e um sétimo homem
que é o sol em
cru
vestido de negro e de carne viva.

Ora este sétimo homem
é um cavalo,
um cavalo com um homem a conduzi-lo.

Mas o cavalo é
que é o sol
e não o homem.

No dilaceramento de um tambor e de uma trombeta longa,
estranha,
os seis homens
que estavam deitados,
rolados **pelo chão,**

brotam sucessivamente como girassóis,
como sóis
sologirando,
lótus de água,
e a cada um que **vai brotando**
corresponde o gongo **mais e mais sombrio**
e cavo
do **tambor**
até que de **repente** se veja **chegar à desfilada,** com a **rapidez**
de uma vertigem,
o derradeiro sol,

o primeiro homem,
o cavalo negro com um
homem nu
totalmente nu
e virgem
em cima.

E na descida vêm em meandros circulares
e o cavalo de carne em sangue espanta-se
e caracoleia sem fim
no alto do rochedo
até os seis homens
acabarem de desenraizar
por completo
as seis cruzes.

Ora o tom maior do Rito é justamente
A ABOLIÇÃO DA CRUZ.

Parando de rodar
eles desplantam
as cruzes da terra
e o homem nu
sobre o cavalo
arvora
uma enorme ferradura
que num golpe feito encharcou em sangue.

A PROCURA DA FECALIDADE

ONDE cheirar a merda
cheira a ser.
O homem podia muito bem deixar de cagar,
deixar de abrir a bolsa anal,
mas preferiu cagar
como poderia ter preferido viver
em vez de consentir em viver morto.

É que para não fazer cócó
teria que aceder
a não ser,
mas ele é que não foi capaz de se resolver a perder
o ser,
isto é a morrer vivo.

Existe no ser
algo particularmente tentador para o homem
algo que vem a ser justamente
O CÓCÓ
(aqui, rugido.)

Para existir basta que se condescenda em ser,
mas para viver
é preciso ser alguém,
para ser alguém
é preciso ter OSSOS,
não ter medo de mostrar os ossos,
e de caminho perder a carne.

O homem sempre gostou mais da carne
do que da terra dos ossos.
É porque só o que havia era terra e madeira de ossos
e ele viu-se obrigado a ganhar a sua carne,
só o que havia era ferro e fogo
e merda não,
e o homem teve medo de ficar sem merda
ou antes desejou a merda
e para isso sacrificou o sangue.

Para ter merda,
quer dizer, carne,
ali onde só o que havia era sangue
e um ferro-velho de ossadas
e onde nada se ganhava em ser
mas onde só restava perder a vida.

o reche modo
to edire
de za
tau dari
do padera coco

Retirou-se o homem então, e fugiu.

E então os bichos comeram-no.

Não foi uma violação,
ele prestou-se a esse obsceno repasto.

Tomou-lhe o gosto,
aprendeu por sua vez
a fazer de bicho
e a comer a sua ratazana
com toda a delicadeza.

E a que se deve tal abjecção de sujidade?

Ao facto de o homem ainda não estar formado,
ou de o homem ter uma vaga ideia do que seja o mundo
e de a querer conservar eternamente?

Deve-se ao facto de o homem
ter um belo dia
detido
a ideia do mundo.

Dois caminhos se lhe apresentavam:
o do infinito cá fora,
o do ínfimo lá dentro.

E ele escolheu o ínfimo dentro,
onde basta apenas pressionar
o pâncreas,
a língua,
o ânus
ou a glande.

E deus, o próprio deus pressionou o movimento.

Deus será um ser?
Se é, é merda.
Se não é,
não é.
Ora ele não é,
outrossim o vácuo que progride sob as suas mil e uma formas
cuja mais perfeita representação
será o desfilar de um incalculável número de chatos.

«Teria o Senhor Artaud endoidecido? e então a missa?»

Eu renego o baptismo e a missa.
Não existe acto humano
que, no plano erótico interno,
seja mais pernicioso do que a descida
do pretenso Jesus-cristo
sobre os altares.

Ninguém me acredita
já estou a ver o encolher de ombros da assistência
mas esse tal cristo outro não é senão aquele
que frente ao percevejo deus
aceitou viver sem corpo
quando uma turbamulta,
apeada de uma cruz
onde desde há muito deus julgava tê-la pregado,
se revoltou
e coberta de ferro,
de sangue,
de fogo e de ossadas,
avança, invectivando o Invisível
a fim de pôr termo ao JUÍZO DE DEUS.

PÕE-SE A QUESTÃO DE ...

O que é grave
é nós sabermos
que depois da ordem
deste mundo
uma outra existe.

Que outra?

Não o sabemos.

O número e a ordem das suposições possíveis
é neste campo
justamente
o infinito!

E o infinito o que é?

Não sabemos exactamente o que seja.

É uma palavra
que nós usamos
para designar
a abertura
da nossa consciência
perante a desmedida
possibilidade,
infatigável e desmedida.

E o que vem a ser exactamente a consciência?

Não sabemos exactamente o que seja.

É o nada.

Um nada
de que nos servimos
quando não sabemos qualquer coisa
para designar
qual a faceta que desconhecemos
e então
falamos em
consciência,
pelo prisma da consciência,
quando há cem mil outros prismas.

E então?

Parece que a consciência
estaria em nós
ligada
ao desejo sexual
e à fome;

mas poderia
perfeitamente
não ter qualquer ligação
com isso.

Diz-se,
é possível dizer,
há quem diga
que a consciência
é um apetite,
o apetite de viver;

e imediatamente
a par do apetite de viver,
é o apetite de comida
o que imediatamente nos vem ao espírito;

como se não houvesse gente que come
sem o mínimo apetite;
e gente que tem fome.

Pois também isso
acontece
ter fome
sem apetite;

e então?

Então

o espaço do possível
surgiu-me um dia
como um grande peido
que eu tivesse dado;
mas nem o espaço,
nem o possível
sabia eu exactamente o que fossem,

nem nisso sentia necessidade de pensar;

eram palavras
inventadas para definirem coisas
que existiam
ou não existiam
frente à
premente urgência
de uma necessidade:
a de suprimir a ideia,

a ideia e o seu mito
e em seu lugar instituir
a manifestação tonante
desta explosiva necessidade:
dilatar o corpo da minha noite interna,

no nada interno
do meu eu

que é noite,
nada,
irreflexão,

mas que é explosiva afirmação
de que há
algo
a que dar lugar:

o meu corpo.

Mas então
reduzir o meu corpo
a um gás fétido?
Dizer que tenho um corpo
porque tenho um gás fétido
em formação
dentro de mim?

Não sei
mas
sei que
o espaço,
o tempo,
a dimensão,
o devir,
o futuro,
o porvir,
o ser,
o não ser,
o eu,
o não eu,
nada são para mim;

mas há uma coisa
que é qualquer coisa,
uma só coisa
susceptível de ser qualquer coisa,
uma coisa que eu sinto
por ela querer
SAIR:
a presença
da minha dor
de corpo,

a presença
agressiva
jamais cansativa
do meu
corpo;

e por mais que me apertem com perguntas
e que eu me esquive a todas,
chego a um ponto
em que me vejo constrangido
a dizer não,
NÃO
portanto
à negação;

e esse ponto
é quando me apertam,

quando me amolgam
e me dão tratos
até de mim sair
o alimento,
o meu alimento
e o seu leite,

e então que fica?

Fico eu sufocado;

e não sei que acção será essa
mas apertando-me assim com perguntas
até à completa ausência,
ao nada
da questão,
apertaram-me
até sufocar
em mim
a ideia de corpo
e de ser um corpo,

e foi então que eu senti o obsceno

e que me peidei
de irrisão
e de excesso
e de revolta
pela minha sufocação.

É que me apertavam
contra o meu corpo
e contra o corpo

e foi então
que eu fiz ir tudo pelos ares
porque no meu corpo
não se toca nunca.

CONCLUSÃO

— E de que lhe serviu, Sr. Artaud, esta emissão de rádio?

— Em princípio, para denunciar um certo e determinado número de sujeiras sociais oficialmente consagradas e reconhecidas:

1.º essa emissão do esperma infantil oferecido gratuitamente por crianças, com vista a uma fecundação artificial de fetos ainda por nascer
e que virão ao mundo dentro de um ou mais séculos.

2.º para denunciar, entre esse mesmo povo americano que se estende por toda a superfície do antigo continente Índio, uma ressurreição do imperialismo guerreiro da antiga América, o qual fez com que o povo índio anterior a Colombo fosse considerado abjecto por toda a precedente humanidade.

3.º — Estranhas coisas essas que o Sr. Artaud nos diz!

4.º — Sim, muito estranho é isso que eu digo,
que os Índios anteriores a Colombo eram, ao contrário do que se crê, um povo estranhamente civilizado,
gente que justamente conheceu uma forma de civilização assente no princípio exclusivo da crueldade.

5.º — E saberá porventura o que vem a ser isso de crueldade?

6.º — Pois não sei, não.

7.º — Crueldade é o acto de extirpar pelo sangue e até ao próprio sangue-deus, o bestial acaso da inconsciente animalidade humana onde quer que ele se encontre.

8.º — O homem, quando não refreado, é um animal erótico,
há nele um frémito inspirado,
uma espécie de pulsação
produtora de animais sem conta que são a forma que os antigos povos terrestres universalmente atribuíam a deus.
E isso dava aquilo a que se chama um espírito.
Ora esse espírito proveniente dos índios da América ressalta hoje amiúde sob uma aparência científica, a qual acusa um infeccioso mórbido domínio, um grave estado de vício, mas de um vício que pulula de doenças
porque, riam-se à vontade,
isso a que se deu o nome de micróbios
é deus,
e sabem com que é que os americanos e os russos fazem os seus átomos?
Fazem-nos com os micróbios de deus.

— Está a delirar, Senhor Artaud,
enlouqueceu.

— Não estou a delirar,
não enlouqueci.
Afirmo-lhes que se reinventou os micróbios a fim de impor uma nova ideia de deus,
descobriu-se um novo meio de fazer ressurgir deus e de o tomar sob a sua nocividade microbiana:
enterrando-o no coração, que é onde os homens o preferem,
sob a forma de uma sexualidade malsã,
daquele sinistro ar de mórbida crueldade que ele ostenta sempre que como agora lhe apraz tetanizar e aterrorizar a humanidade.

Serve-se do espírito de pureza de uma consciência que se conservou cândida como é a minha para a asfixiar com todas as falsas aparências que universalmente espalha pelos espaços e é assim que Artaud o momo pode ser tido como alucinado.

— Que quer o Senhor Artaud dizer com isso?

— Quero dizer que achei maneira de acabar de uma vez por todas com esse macaco e que se já ninguém acredita em Deus todos acreditam cada vez mais no homem.
Ora é precisamente o homem que hoje é necessário emascular.

— Como assim?
Como?
Visto por este ou por aquele prisma, o senhor não passa de um doido, de um doido varrido.

— Levando-o uma vez mais, uma derradeira vez, à mesa de autópsia para lhe refazer a anatomia.
O homem é doente porque é mal construído.
Temos que nos decidir a desnudá-lo para lhe extrair esse animalejo que mortalmente o corrói,

deus
e juntamente com deus
os seus órgãos.

Porque metam-me se lhes apraz num colete de forças
mas não há nada mais inútil do que um órgão.

Quando lhe conseguirmos um corpo sem órgãos tê-lo-emos libertado de todos os seus automatismos e restituído à sua verdadeira liberdade.

Voltaremos então a ensiná-lo a dançar às avessas
como no delírio dos bailes «musette»,
e esse reverso será
o seu verdadeiro direito.

O TEATRO DA CRUELDADE

CONHECEIS coisa mais ultrajantemente fecal
do que a história de deus
e do seu ser: SATANÁS,
a membrana do coração
a porca ignominiosa
do ilusório universal
que com as suas tetas peçonhentas
sempre nos dissimulou
pura e simplesmente
o Nada?

Perante esta ideia de um universo pré-estabelecido,
nunca até hoje o homem conseguiu estabelecer a sua superioridade sobre os domínios do possível.

Porque se nada há,
nada há mesmo,
a não ser essa ideia excremencial
de um ser que por exemplo teria feito os animais.

E nesse caso
de onde vêm os animais?

De o mundo das percepções corporais
não estar no seu devido plano,
nem sequer perfeito,

de haver uma vida psíquica
e nenhuma vida orgânica verdadeira,

do facto da simples ideia de uma vida orgânica pura
ser possível,

de poder estabelecer-se
uma distinção entre
a vida orgânica embrionária pura
e a vida passional
e concreta integral do corpo humano.

O corpo humano é um pilha eléctrica
cujas descargas foram reprimidas e castradas,

cujas aptidões e tendências
foram orientadas para a vida sexual
quando ele afinal foi feito
para absorver
mercê dos seus deslocamentos voltaicos
todas as disponibilidades errantes

do infinito do vácuo,
dos buracos de vácuo
cada vez mais incomensuráveis
de uma capacidade orgânica inesgotável.

O corpo humano necessita de comer,
mas quem experimentou jamais para lá do plano da vida sexual
a incomensurável capacidade dos apetites?

Fazei enfim dançar a anatomia humana,

de cima para baixo e de baixo para cima,
de trás para a frente e
de frente para trás,
mas muito mais aliás de trás para trás
que de trás para a frente,

e o problema da rarefacção
dos géneros alimentícios
ficará solucionado
por já não ter ensejo
de se pôr.

Obrigaram o corpo humano a comer,
obrigaram-no a beber,
para evitarem
pô-lo a dançar.

Obrigaram-no a fornicar o oculto
só para fugir a
pressionar
e supliciar a vida oculta.

Pois nada
como essa pretensa vida oculta
necessita tanto de ser supliciado.

Foi aí que deus e o seu ser
julgaram escapar ao homem demente,
aí, nesse plano cada vez mais ausente da vida oculta
onde deus pretendeu fazer crer ao homem
que as coisas poderiam ser vistas e captadas em espírito,
quando afinal de existente e de real
apenas há a vida física exterior,
e tudo o que se lhe furta e dela se desvia
mais não é do que os limbos do mundo dos demónios.

E deus pretendeu convencer o homem dessa realidade do mundo
dos demónios.

Mas o mundo dos demónios está ausente.
Nunca alcançará a evidência.
A melhor maneira de nos curarmos dele
e de o destruirmos
é acabar de construir a realidade.
Porque a realidade não está acabada,

a realidade ainda não foi construída.
Do seu acabamento dependerá
no mundo da vida eterna
o retorno de uma eterna saúde.

O teatro da crueldade
não é o símbolo de um vácuo ausente,
de uma pavorosa incapacidade de realização na nossa vida
de homens.
É a afirmação
de uma terrível
e aliás inelutável necessidade.

Nas encostas jamais visitadas
do Cáucaso,
dos Cárpatos,
do Himalaia,
dos Apeninos,
todos os dias se celebram,
noite e dia,
desde há anos e anos,
pavorosos ritos corporais
em que a vida negra,
a vida negra e jamais controlada
se entrega a pavorosos e repelentes repastos.

Aí, os membros e órgãos tidos como abjectos
porque
perpetuamente abjeccionados,

recalcados
aquém da rapacidade da vida lírica exterior,
são utilizados em todo o delírio de um erotismo desenfreado,
a par do derramamento
cada vez mais fascinante
e virgem
de um licor
cuja natureza nunca ninguém pôde classificar,
por ser cada vez mais incriada e desinteressada.

(Não se trata especialmente do sexo ou do ânus
que aliás são de cortar ou liquidar,
mas do cimo das coxas,
das ancas,
dos lombos,
do ventre total e sem sexo
e do umbigo.)

Tudo isso é de momento sexual e obsceno
visto nunca ter podido ser trabalhado e cultivado
para lá do obsceno
e os corpos que ali dançam
são inseparáveis do obsceno,
desposaram sistematicamente a vida obscena
mas há que destruir
esta dança de corpos obscenos
e substituí-los pela dança
dos nossos corpos.

Andei desvairado
e tetanizado
durante anos
com a dança desse pavoroso universo de micróbios
exclusivamente sexualizados
nos quais reconhecia
na vida de certos espaços recalcados
os homens, as mulheres,
as crianças da vida moderna.

Fui constantemente atormentado pela comichão de intoleráveis
eczemas
em que todas as purulências da vida erótica do caixão
fervilhavam à vontade.

Não há que procurar para além dessas danças rituais negras
a origem de todos os eczemas,
de todas as zonas,
de todas as tuberculoses,
de todas as epidemias,
de todas as pestes
as quais a medicina moderna,
cada vez mais derrotada,
se acha impotente para cauterizar.

Há dez anos
que forçam a minha sensibilidade a descer
os degraus dos mais monstruosos sarcófagos,

do mundo ainda inoperado dos mortos
e dos vivos que preferiram
(e ao ponto a que chegámos, é por vício),
que preferiram viver mortos.

Mas eu tentarei muito simplesmente não adoecer
e tal como eu
toda uma série de gente que é toda a que eu conheço.

o pedana
na komev
tau dedana
tau komev

na dedanu
na komev
tau komev
na come

copsi tra
ka figa aronda

ka lakeou
to cobbra

cobra ja
ja futsa mata

DA serpente nã
HÁ NA

Porque vós deixastes os organismos deitarem a língua de fora
havia que cortar aos organismos
a língua
à saída dos túneis do corpo.

Só há peste,
e cólera,
e febre negra
porque a dança
e por conseguinte o teatro
ainda não têm existência.

Onde está o médico dos corpos racionados pela actual miséria
que já tentou ver de perto um colérico?

Auscultando a respiração ou o pulso de um doente,
prestando ouvido, frente ao campo de concentração desses
corpos racionados pela miséria,
ao bater de pés, de troncos e de sexos
desse imenso e recalcado campo
de certos terríveis micróbios
que são
outros tantos corpos humanos.

É onde se encontram eles?
Ao nível ou nas profundidades
de certos túmulos
em sítios historicamente
quando não geograficamente insuspeitados.

ko embach
tu ur ja bella
ur ja bella

kou embach

Aí marcam os vivos encontro
com os mortos
e certos quadros de danças macabras
outra origem não têm senão essa.

São estas rebeliões
onde a cada passo se delineia o encontro de dois mundos
inauditos
que constituíram a pintura da Idade Média,
como aliás toda a pintura,
toda a história
e direi mesmo
toda a geografia.

A terra pinta-se e descreve-se
sob a acção de uma terrível dança
que ainda não foi obrigada a dar
epidemicamente todos os seus frutos.

POST-SCRIPTUM

Onde houver metafísica,
mística,
dialéctica irredutível,
ouvirei eu contorcer-se
o grande cólon
da minha fome
e sob os impulsos da sua vida obscura
ditarei às minhas mãos
a sua dança,
aos meus pés
ou aos meus braços.

O teatro e a dança do canto
são o teatro das furiosas revoltas
da miséria do corpo humano
perante os problemas onde não penetra
ou cujo carácter passivo,
especioso,
ergótico,
impenetrável,
inevidente
o excede.
Ele então dança
em montes de
KHÓ, KHÓ

infinitamente mais áridos
mas orgânicos;

põe em marcha
a muralha negra
da deslocação do interno licor;

o mundo das larvas invertebradas
de onde se destaca a noite sem fim
dos insectos inúteis:
piolhos,
pulgas,
percevejos,
mosquitos,
aranhas,
só é possível
porque o corpo de todos os dias
perdeu com a fome
a sua primitiva coesão
e assim perde ele em baforadas,
em montes e montes,
em séries,
em infindáveis teorias
o fumo negro e amargo
das fúrias
da sua energia.

POST-SCRIPTUM

QUEM sou eu?
Donde venho?
Sou Antonin Artaud
e mal digo isto
como só eu o sei dizer
imediatamente
vereis o meu corpo actual
voar em estilhas
e refazer
sob dez mil formas
notórias
um corpo novo
no qual jamais
me podereis
esquecer.

CARTAS
SOBRE O JUÍZO DE DEUS

AO SR. FERNAND POUEY

Ivry, 7 de Dezembro de 1947.

Caro senhor:

Aqui lhe envio o contrato que confirma o meu acordo. Em todos os pontos.

Creia nos meus mais cordiais e distintos sentimentos.

ANTONIN ARTAUD

P. S. — Não tenho conta no banco.

Mande, por favor, os 20.000 francos em vale do correio para

23 rue de la Mairie
Ivry-sur-Seine.

AO SR. FERNAND POUEY

Ivry,
23 rue de la Mairie.

Caro senhor:

Não recebi o vale anunciado. Queira dar ordem para que me seja enviado urgentemente.

Parece-me que quando vir os *temas* da emissão já preparada estes lhe irão parecer *estranhamente* necessários. Julgo que não estaria à espera disso.

Os meus melhores sentimentos.

ANTONIN ARTAUD

AO SR. FERNAND POUEY

Ivry, 11 de Dezembro de 1947.

Caro senhor:

Aquando da discussão sobre a minha «*tentativa*»
de programa
na Rádio,
ao ser posta a questão do meu cachet como «*actor*»,
eu disse-lhe:
deixo isso consigo,
pois me repugna, ao esforçar-me por pôr o problema de um novo caminho a percorrer por mim, entrar em míseras discussões sobre números, em reclamações de mais ou de menos,
pensava simplesmente que pela sua parte desejaria fazer tudo quanto lhe fosse possível,
sem pensar que pudesse permitir que eu fosse mais mal pago que qualquer um dos outros intérpretes.
Por mais «*desapegados*» que sejamos,
temos de comer,
de nos vestir,
de tomar os transportes,
e por essa razão a quantia de 3190 francos que me foi destinada *deixou-me sufocado*!
Dito isto,
permita-me que fale outra vez do trabalho realizado.

Acho que nele se pode encontrar o que há de melhor
e de pior.
Trabalhei muito na rádio antes da guerra,
juntamente com Paul Deharme,
em informação radiofónica,
e o trabalho aí realizado consigo estava longe de ser uma
tomada de contacto com o referido meio de expressão,
mas *é necessário*
por outro lado
que o realizador
o Senhor Guignard
os que fazem a montagem
e em geral
todos aqueles
com quem lidei
todos eles *compreendam*
quais foram as minhas intenções e desejos.
Quem pegue na coisa em bloco ficará com a impressão de ser
um trabalho
caótico e sem sequência;
uma espécie de fragmentação
epiléptica e ao acaso
em que a sensibilidade errante do ouvinte
tem de captar também
ao acaso
aquilo que lhe convier.
Pois bem, nada disso!
Acabar com o julgamento dos nossos actos

mercê do acaso
e de uma força
dominante
é significar
a nossa vontade
de modo
assaz novo
a fim de se mostrar que a ordem rítmica das coisas e da sorte
das coisas mudaram de rumo,
há na emissão por mim realizada
suficientes elementos
estridentes
lancinantes
desenquadrados
detonantes
que depois de *montados* segundo uma ordem nova
hão-de provar que o objectivo desejado foi atingido,
a minha função era dar-lhe elementos.
Dei-lhos?
Há-os maus,
há-os julgo eu excelentes,
espero que encontre o montador inteligente
capaz de dar aos elementos que forneci todos os insólitos valores
que eu desejei tivessem.
Creia nos meus melhores sentimentos.

ANTONIN ARTAUD

AO SR. FERNAND POUEY

16 de Janeiro de 1948.

Caro senhor

No que se refere
ao texto de introdução de
«Para acabar de vez com o juízo de deus»
pode cortar-se a partir de
«fazer e fabricar soldados»
até
«quem vai à guerra dá e leva
e eu já vi de facto uma quantidade de americanos na guerra».
A montagem geral distribui-se como segue:
1 texto de abertura
2 ruídos
    que vão fundir-se no texto dito
        por Maria Casarès.
3 *dança do Tutuguri*, texto
4 ruídos (xilofonias)
5 A procura da fecalidade
        (dito por Roger Blin)
6 ruídos e pancadas entre Roger Blin e eu
7 Põe-se a questão de...
        (texto dito por Paule Thévenin)
8 ruídos e o meu grito na escada
9 conclusão, texto
10 ruídos finais.

Se tenciona fazer alguma coisa sobre
Artaud o momo
faço-lhe notar que Paule Thévenin diz muito bem um
    dos poemas,
aquele mais curto,
Centre-Mère et Patron Minet.
Fiquei felicíssimo com esta emissão,
entusiasmado por ver que ela podia fornecer um modelo reduzido daquilo que eu desejo fazer no *Teatro da crueldade.*
É por isso que lhe devo especiais agradecimentos;
mas não é verdade que você próprio fez a sua entrada na vida
com uma espécie de forma de dança ritmada meio termo entre
o teatro e a poesia?
Creia nos meus melhores sentimentos.

ANTONIN ARTAUD

AO SR. FERNAND POUEY

20 de Janeiro de 1948.

Caríssimo amigo:

Paule Thévenin, nossa comum amiga, irá ainda esta semana aos Campos-Elíseos, 116 *Bis*, receber o «cachet» que lhe foi atribuído
pela sua colaboração no meu programa radiofónico *Para acabar de vez com o juízo de deus.*
Devo dizer-lhe, e não mo leve a mal,
que Paule Thévenin
é uma das minhas obras.
Usei de um aplicado e mesmo apaixonado desvelo para dela extrair, no plano teatral, faculdades que outros
negavam,
renegavam
e
espezinhavam.
Quis que essas faculdades fossem postas em
relevo
e
trazidas
à luz
pois o seu timbre de diapasão não é comum,

ela é fora do vulgar,
permitir-me-ei portanto pedir que isso seja tido em conta no momento da atribuição do cachet
a fim de que
não seja confundida com o resto das actrizes que diariamente passam aí pelos Campos Elíseos 116 *Bis.*
Assim o esperando, creia em toda a minha amizade.

ANTONIN ARTAUD

AO SR. WLADIMIR PORCHÊ
DIRECTOR DA RADIODIFUSÃO

4 de Fevereiro de 1948.

Senhor:

Permita-me que esteja um pouco mais que revoltado e
escandalizado
com a medida que à última hora acaba de ser tomada contra a minha emissão radiofónica
Para acabar de vez com o juízo de deus
na qual *trabalhara* mais de duas semanas e que fora anunciada em todos os jornais há mais de um mês.

Não deve ignorar a curiosidade com que a dita emissão era esperada pelo grande público

que a esperava como uma espécie de libertação, dotada como era de todo um conjunto sonoro que finalmente o furtaria à rotina habitual das emissões.

O senhor teve portanto tempo até demais anteontem domingo à tarde quando achou por bem tomar a resolução da proibição [para se dar conta] da atmosfera extremamente favorável que rodeava a apresentação da dita emissão.

Ora em vão procuro eu nela o tal escândalo que podia vir a produzir junto de pessoas bem intencionadas
que não tivessem tomado posição
previamente
como é este o caso.

Eu, o autor, tal como toda a gente, ouvi-a no seu conjunto ao magnetofone
resolvido a nada deixar passar
que pudesse lesar
o gosto,
a moralidade,
os bons costumes,
o imperativo de honra,
nada que por outro lado pudesse
ressumar
fastio,
já-visto,
rotina,
desejava eu uma obra nova que agarrasse certos pontos orgânicos da vida,
uma obra
onde se sinta todo o sistema nervoso
iluminado como que por um fotóforo
com vibrações
consonâncias
que convidem
o homem
a sair
COM
o seu corpo
para acompanhar até ao céu esta nova, insólita e radiosa Epifania.

Mas a glória corporal só é possível
se
nada
no texto lido
chocar,
macular
essa espécie de desejo de glória.
Ora eu busco.
E encontro
1.º a procura da Fecalidade,
texto constelado de palavras violentas, falas horrorosas,
sim, há nele palavras violentas, falas horrorosas,
mas numa atmosfera *tão fora da vida*
que não creio ser possível existir um público capaz de com ele se escandalizar.
Quem quer que seja seja ele o último dos carvoeiros tem de compreender
que há que odiar a sujidade
quer física quer psicológica
e *DESEJAR* uma transformação
corporal
profunda.

Resta o ataque inicial contra o capitalismo americano.

Mas é preciso ser hoje em dia muito ingénuo, sr. Wladimir Porché, para não se perceber que o capitalismo americano

bem como o comunismo russo nos levam ambos à guerra,
e então eu, com vozes, tambores e xilofonias alerto as individualidades para que elas se imponham.
Sou

ANTONIN ARTAUD

AO SR. FERNAND POUEY

Ivry-sur-Seine, 7 de Fevereiro de 1948.

Caríssimo Fernand Pouey:

Tive notícia da sua admirável atitude a respeito do meu programa de rádio.
Desculpe-me o incómodo que lhe causo
e
obrigado
por assim me defender de todo o coração.
Sei que o senhor jogou a sua situação e que a lançou na balança
mas não compreendo como é que uma incompetência que ainda há pouco abandonou os estudos como o é Wladimir Porché se arroga o direito de assim vetar a radiodifusão de um *documento ANUNCIADO* há muitas semanas
e por conseguinte
audicionado
por dezenas de técnicos que julgaram do seu valor
e *DECIDIRAM*
da sua emissão.
Trata-se de um golpe de autocratismo arbitrário
que ninguém poderá aguentar.
Aliás eu escrevi a Wladimir Porché uma carta
a expor
em pormenor

e de um modo simples e claro
por que ordem de ideias é que havia escrito os meus textos
e realizado a emissão.
No que respeita ao sentimento do ouvinte menos advertido
o que se passa é que
nunca
houve emissão ESPERADA com mais curiosidade e impaciência pela grande massa do público que só esperava por esta emissão para finalmente tomar uma atitude perante certas coisas da vida. Trata-se de um longo protesto contra o erotismo natural das coisas contra o qual toda a gente no seu subconsciente deseja reagir e contra o arbitrário social, político e eclesiástico (religioso), logo ritualista, da lei.
E o corpo social está farto de todo e qualquer rito. Importa pedir essa carta a Wladimir Porché para ser reproduzida na Imprensa.
Seu de todo o coração

ANTONIN ARTAUD

AO SENHOR RENÉ GUILLY

7 de Fevereiro de 1948.

Senhor:

Julguei esta manhã estar a sonhar ao ler no «Combat» o seu artigo, muito me admirando por o terem deixado passar.

Eu também faço desse famoso grande público uma ideia melhor que o senhor.

Julgo-o infinitamente menos podre de preconceitos do que o senhor pensa.

Aqueles que na segunda feira à noite rodeavam a rádio e com uma curiosidade e uma impaciência nunca vistas esperavam pela emissão intitulada «Para acabar de vez com o juízo de deus», eram exactamente pessoas pertencentes ao dito grande público,

empregados de cabeleireiro,
lavadeiras,
vendedores de tabaco,
quinquilheiros, marceneiros, tipógrafos,
em suma, pessoas que ganham a vida com o suor dos cotovelos,
e não certos capitalistas de merda
secretamente enriquecidos
que todos os domingos vão à missa e que acima de tudo desejam o respeito pelos ritos e pela lei.

Esses, a par de alguns chulos prematuramente enriquecidos da Butte, com o seu nauseabundo medo das palavras,

esses é que ficariam aterrados com o meu programa.
Seja como for,
importa ter na conta de crime
e de pecado
o facto de se ter querido impedir uma voz humana que pela primeira vez nos nossos tempos se dirigia ao que de melhor há no homem
de exprimir-se.

2.º Os livros, os textos, as revistas são tumbas, sr. René Guilly, tumbas que é preciso destapar.
Não vamos viver eternamente rodeados de mortos
e de morte.
Se nalgum lado há preconceitos
devem ser destruídos,
o dever
sim digo bem
O DEVER
do escritor, do poeta
não é ir cobardemente fechar-se num texto,
num livro, numa revista de onde jamais sairá
mas pelo contrário é sair para fora
para sacudir,
para atacar
o espírito público,
senão
para que serve ele?
E para que nasceu?

3.º Seja como for,
eu não sou mestre do coro
e nunca soube cantar,
nem muito menos
ensinar a cantar.
Experimentei quando muito neste programa de rádio,
eu que nunca na minha vida toquei qualquer instrumento,
algumas xilofonias vocais sobre xilofone instrumental
e o efeito resultou.

Desejo afirmar que esta emissão era a busca de uma linguagem que qualquer padeiro ou merceeiro teria compreendido,

que pela via da emissão corporal trazia em si as mais elevadas verdades metafísicas.

Isso até o senhor o reconheceu e, por essa razão, é abjecto e infame tê-la proibido.

Era isto o que eu queria dizer-lhe, sr. René Guilly.

ANTONIN ARTAUD

A JEAN PAULHAN

Ivry-sur-Seine, 10 de Fevereiro de 1948.

Caríssimo amigo:

Foram-lhe expedidos há pelo menos quinze dias, se não há já três semanas,
1 exemplar dedicado
e assinado por minha mão
de *Artaud le mômo*
mais
1 exemplar
de
CI-GÎT precedido de
LA CULTURE INDIENNE,
se não os recebeu foi porque o porteiro da N. R. F. os reteve
e é preciso reclamar a todo o custo
pois fiz tudo o que se impunha
e
assinei esses exemplares pelo meu punho
em sua intenção.
Devem ter ficado perdidos nalgum gabinete.
Mandei até que lhe enviassem exemplares em *papel de luxo*
mas, repito, isso foi há já umas três semanas,
devem, portanto, ter sido desviados por alguém, é preciso
ir procurar
e reclamar
porque é manifesto,

não é *espírito* de perseguição afirmá-lo,
que neste momento foi montada contra mim uma cabala
que pode ter toda a espécie de repercussões.
Aquela questão da emissão radiofónica é lamentável.
Mesmo que o texto apareça no «Combat» ou em plaquette
sempre ficam por ouvir os sons,
a xilofonia sonora,
os gritos, os barulhos guturais e a voz,
tudo aquilo que afinal constituía uma 1.ª ruminação do
Teatro da Crueldade.
Para mim é um DESASTRE.
Seu do coração

ANTONIN ARTAUD

AOS SENHORES FERNAND POUEY
E RENÉ GUIGNARD

Ivry-sur-Seine, 17 de Fevereiro de 1948.

Caríssimos amigos:

Creio que o que impressionou e apaixonou certas pessoas como Georges Braque na emissão radiofónica «O juízo de deus» foi sobretudo a parte das sonorizações e xilofonias com o poema dito por Roger Blin e o outro dito por Paule Thévenin. Não podemos deixar estragar o efeito dessas xilofonias com o texto raciocinante, dialéctico e questionante do princípio. Tinha-lhes enviado um pneumático a indicar os cortes a fazer, os quais apenas deixavam certas frases do início e do fim da «*Introdução*».
Suplico-lhes que façam esses cortes
suplico-lhes
a ambos
que VELEM no sentido desses cortes serem
estritamente realizados.

Importa que nesta emissão radiofónica nada subsista que se arrisque a decepcionar,
a cansar
e enfadar
um público fervoroso que se deixou prender por tudo aquilo que as sonorizações e as xilofonias traziam de novo

e que nem mesmo os teatros do Bali, da China, do Japão e do Cinghali contêm.

Conto portanto que ambos procedam aos cortes que há a fazer
e aperto-lhes amigavelmente a mão.

ANTONIN ARTAUD

CARTA ABERTA AO R. Pe. LAVAL

Ivry-sur-Seine, 20 de Fevereiro de 1948.

Senhor

Fica-lhe muito bem ter-me reconhecido o direito à expressão total e integral da minha *individualidade*
por mais singular que ela seja
e
por mais *heterogénea* que possa parecer.
Mas uma coisa há que o senhor não disse
e que no fundo constitui uma reserva de princípio ao dito direito de expressão,
e que é o facto de o senhor estar então
e ainda estar
manietado por 2 ritos
CAPITAIS,
é o facto de ao pronunciar aquelas palavras
estar na *realidade*
manietado por 2 ritos
que lhe paralisavam
com o seu próprio consentimento
as mãos.
O facto de como qualquer padre
estar então
e ainda agora estar *ligado*
pelos 2 ritos

da *consagração*
e da *elevação*
da missa.
O facto de como qualquer padre católico
ter nessa manhã dito missa
e de na celebração da cerimónia chamada missa
entrarem em primeiro plano
esses 2 ritos de *ligação*
que para mim
têm o valor de um autêntico
feitiço.
A consagração
e
a elevação
são
feitiços
de uma ordem especial
mas
MAIOR
a qual capitaliza, se assim o posso dizer,
a vida,
a qual drena todas as forças espirituais numa direcção tal que
tudo aquilo que é corpo fica reduzido a nada
de modo a nada mais restar que uma certa
vida psíquica
inteiramente libertada
mas de tal modo livre
que todos os fantasmas

do espírito,
do puro espírito,
podem então dar-se livre curso
e é então que tem lugar
a sinistra e torrencial expansão da vida diluviana e antediluviana
dos animais obsessivos
que é exactamente aquilo contra o qual
lutamos
porque a infame vida sexual está por detrás das livres expansões
do espírito
e foi isso
que a consagração
e
a elevação
da missa
sem o confessar
LIBERTARAM.
Há uma nauseabunda floculação da vida infecciosa do ser
que o CORPO PURO
rejeita
mas que
o PURO ESPÍRITO
admite
e à qual a missa
com os seus ritos conduz.
E é esta floculação
que mantém a actual vida no mundo

dentro dos esconsos espirituais
onde ela constantemente se afunda.
E o que a consciência geral jamais compreenderá
é isto:
que um corpo macerado e espezinhado
britado e compilado
pelo sofrimento e pelas dores da crucifixão
tal como o corpo sempre vivo do Gólgota
será sempre superior a um espírito entregue a todos os fantasmas da vida interior
o qual mais não é do que o fermento
e o grão
de todas as fantasmagóricas fedorentas bestializações.

ANTONIN ARTAUD

A PAULE THÉVENIN

Terça-feira, 25 de Fevereiro de 1948.

Paule, estou triste e desesperado,
doi-me o corpo todo de alto a baixo,
mas tenho sobretudo a impressão de que toda a gente
ficou decepcionada
com o meu programa.
Onde houver *máquina*
sempre haverá o abismo e o nada,
há uma interposição técnica que deforma e aniquila aquilo que fazemos.
A crítica de M. e de A. são injustas mas o seu ponto de partida
deve basear-se numa falha de transmissão,
e por isso nunca mais quero nada com a rádio
e doravante vou consagrar-me
exclusivamente
ao teatro
tal como o concebo,
um teatro de sangue,
um teatro que em cada representação faça ganhar
corporalmente
qualquer coisa
tanto àquele que representa como àquele que vem ver representar,
aliás
não se representa,
age-se.

O teatro é na realidade a *génese* da criação.
Assim se fará.
Tive esta tarde uma visão — vi aqueles que vão seguir-me *mas* que ainda não ganharam totalmente corpo porque os porcos como aqueles do restaurante de ontem à noite comem demais.
Há-os que comem demais
e outros que como eu não conseguem comer sem *cuspir*.
Todo seu.

ANTONIN ARTAUD

DOSSIER DE PARA ACABAR DE VEZ COM O JUÍZO DE DEUS

seguido de

O TEATRO DA CRUELDADE

PARA PREPARAR A EMISSÃO

I

Exclamações, interjeições,
gritos,
interrupções, interrogações,
proclamações
sobre o repor em causa do Juízo Final.
O juízo final não terá lugar,
teve sim lugar,
já se produziu,
importa refazê-lo.
Quem é que tem qualquer questão a pôr a deus?
Quem quer evocar Satanás em pessoa?

II

Exclamações,
interjeições, gritos,
interrupções, interrogações,
sobre o repor em causa
                    do
Juízo Final.

III

O medo de viver.

koerman
ta
radaborsta
taborsta
radaborsta
santa pan

Nada sabemos da vida, nós.
Irei fazer esta demonstração radiofónica.

IV

Não ao espectáculo representação,
de uma noite para a outra uma peça tem de se mexer,
a peça tem de se mexer.

V

Ivry, 10 de Novembro de 1947.

Como já tive ocasião de lhe dizer, após uma juventude alheia à prática dos sacramentos, bruscamente, certo dia, em Dublin, no regresso de uma pequena viagem efectuada (...)

Nunca vi patifes mais imperturbáveis do que os chuis dos cristãos, ou seja, a polícia que a igreja católica romana dispõe à roda do recém-convertido.
Quando fui a Dublin ter com o padre a quem me confessei pela primeira vez, eu nenhuma celebridade tinha, ou glória, mas se o padre a quem contei a minha vida se tivesse contentado com isso (...)

VI

A primeira manifestação do teatro da crueldade só poderá ser o início da vingança da minha eterna história de sempiterno perseguido,

e fari
te fari
fabella
et fabella
et fari
falla

com instrumentos de suplício:
uma campainha
um cepo
um cadafalso
uma cruz
(não ao centro, de lado).

VII

Tutuguri:
E (aqui cavar através do som todo um universo,
xilofones, gongs, trombetas,
gongs sobretudo).

Paule deverá ter só duas ou três frases a trabalhar,
o resto deve dizê-lo como um texto jornalístico.
A poesia será dada pela sonorização.

2 graves.

VIII

EMISSÃO

Aviso de missa
posto no mesmo plano
que o aviso de esperma:

O tambor:

pum
azai (o grito
pum
azi

pum
azai (o grito

pum
azi

pum
azai (o grito
pum
azi

IX

Instaurar
com o Teatro da Crueldade
o verbo
vibratório
sistemático
e metódico.

X

EMISSÃO

kaudana akapto
laudana akapte
kaildana apte

Pum Pum
akoum kniaialu
Pum Pum
akum ksicalu

Pum Pum
akum kniaalu
Pum Pum
akum knialu

Tive a ideia de (...)

XI

anhanha
rabuda
kabadia
abah
anhanha
rabudia

kobabia
krrrrrrebufa
krrrrrrrebabia
abah
krrrrramanha
krrrrremufe
anhanha
rabuda
abadia

XII

Ruídos,
o meu anúncio,
o Tutuguri.

Ruídos a serem trabalhados
proferindo a ordem iníquia deste mundo,

o texto de Paule Thévenin,
seguindo-se a jaula dos macacos (1),

compor como que uma entrada de mim próprio na existência
com choros e sapateados e dizer seguidamente como se fosse
uma confissão o texto final do Teatro da Crueldade

e Roger dirá a seguir
A Procura da Fecalidade

XIII

oran gongron
augern
gangron
gangron auto gogorge

---

1. A parte do diálogo Artaud-Blin à base de rugidos era referido por Artaud com este nome.

(TEXTO DE ABERTURA)

I EMISSÃO

pah ertã
tara
tara bulla
rara bulla
ra para hutã

Num sobreagudo
lancinante

aqui aperta-se e
estrangula-se

poh ertsã
putinah
ke tula

o ki tu la
a kana dalã

aqui
acalma-se

o skifar
janãtsi metera
a metera

merãtsi
a mruta mutela
marutela
a mruta mertsi

Quem como eu tem dores nos ossos
deve pensar em mim,
mas não se me unirá em espírito na rota dos espaços
pois de que serve unirmo-nos a um ser em espírito
se não nos unirmos a ele em corpo?
Unirmo-nos a um ser em espírito é afastarmos a hipótese de
um dia nos unirmos a ele em corpo.
Mas a quem como eu doem os ossos, quem em mim pensa
intensamente, não vê
que casa cai,
que árvore arde no seu caminho,
mas a casa cai,
e a árvore arde
e um dia ele dará conta;
a quem como eu doem as gengivas e que em mim pensa,
o espaço que nos separa reduz-se a pó,
apouca-se, torna-se mais pequeno, e é ele o espaço que se torna
cego e não eu;
dar-se-á ele conta disso, um dia?
Quem?
Quem? o espaço
que se sentirá mais pequeno,
de músculos garrotados, exangue;

a quem doem todos os dentes, todos os dentes que faltam como
a mim, não se verá de súbito a meu lado, mas o espaço, esse,
ver-se-á longe de mim e dele;

e quem se envergonhará de existir e ser,
de ser o espaço quando aqui estamos nós!
Pudicamente que fará ele então, esse tal espaço?

Esta velha xaropada tem que se sumir.

fu fá lu
fá ôto quando
tu fâ isso
tu fuguenta espritos duar
atão não tás sarado
inda creditas nus pritos

Digo lhes qu vido tá doente
o vido tá mutu doente

Você vai ó mecado nêgo, ao cinema, ao talho de carne de cavalo,
faz bicha durante horas para o cinema, de inverno, debaixo
de chuva, para ver filmes imbecis

e entretanto desde os séculos dos séculos
nas infectas encostas do Cáucaso, dos Cárpatos, dos Apeninos,
do Himalaia,
seres bestializados dançam,
dançam a dança do pus e do sangue,
dos piolhos esmagados,
a dança das vísceras sujas,
dançam para vos roubar isto e mais aquilo
e para vos impor isto, isso e aqueloutro,
a dança sexual enfim.

Pois ainda quereis mais sexo, já nunca mais quereis sexo,
a sexa é tudo.

— É ête o questão,
que deus se suma ou que deus fique
eis a questão que se nos põe.

Dançam a dança da fricção infame
da fodalma e da fôme
e da união de rõ e sõ.

— Ê na pecêbo qué quicho qué dizê.
Quer dizer que o princípio da fecundação sexual que desde
há séculos se impõe
com a língua, o pâncreas e os pés
vai ser agora regulamentado,

porque é o problema da partida ou da permanência de deus
o que se impõe agora às cólicas da nossa humanidade,
porque deus é todos esses micróbios saídos
das danças obscenas de torvas raças
e o problema que se põe
é de saber se se vai deixá-los continuar com a dança.

— E danza
ê na savia
e qué quiço intréça.

* * *

Aqui o papel sobre a América.

II INTRODUÇÃO GERAL

A cruz é o sinal a deitar abaixo.
Há 757 séculos que o mal se pendura e se finca nela,
há 2 mil anos que ele se serve do seu estoque para pregar o homem e impedi-lo doravante de avançar,
há uma eternidade que ele alveja as coisas e as trespassa para as impedir de circular.
As coisas não se viram para a cruz nem para o círculo. A cruz postou-se como a esquírola de uma trave, como a rotação de um nó que parou no meio de uma confluência capital, de uma afluência das várias possibilidades.
É para destruir esta acção múltipla e cerceante da cruz que se criou o rito do Tutuguri.

e va na ram
an stir tõ pam

noyo coro
caro septo
eyon kolen
efa septo

que arranca e dispersa à sua volta uma acção simples e permite a inserção no espaço de um sinal novo como iremos ver.

(AVISO DE MISSA)

I

Mas como tudo aquilo que contêm
algo de salaz
e de sabujo,
isto é, que participa
da pocilga intestina
inveterada
do ser,

estas deslocações
do animalejo vital
efectuam-se também a coberto
da mais profunda invisibilidade;

o coração de deus abre-se
como uma bela vagina
à missa
e é assim que o acto de recepção eucarística se reveste
para a maior parte dos cristãos
da sua máxima eficácia;

mas esse coração de invaginado
que o vê para lá do porco que o deseja
e do anjo sempre às ordens de deus
para o bom resultado da abjecta operação;
nem sequer é,
para os demais,
um cérebro cujo lóbulo dá a sua pétala,
é …
mas não é disto que se trata,
já
disse
que
eu,
Antonin Artaud,
sofria de uma oculta invasão de larvas,
e que nem sequer havia que recorrer à magia
para explicar a sujidade da operação,
a ciência que já estava a par dos micróbios
inventou nestes últimos tempos as amibas;

essa corja de porcos
que brincam ao súcubo
e ao íncubo
não serão eles
ao fim e ao cabo
as amibas de um erotismo especial?

Desde há séculos que eu venho a bater-me
com essas emanações do nada
chamadas íncubos,
súcubos,
larvas,
lémures,
e que não passam
no fim de contas
dos recortes
de um vazio
onde eu,
pessoalmente,
cuspo
o monstro
ou
o animal
que me crio.

Sim,
mas primeiro criaram-mo
pois não é pelo prazer de um sadismo especial
que eu iria inventar-me
a todo o momento
estes confetti sacramentais.

II

Não há nada que eu mais deteste,
nada que eu mais abomine do que essa ideia de espectáculo,
de representação,
e portanto de virtualidade, de não realidade,
que está ligada a tudo aquilo que se produz e se mostra,
ideia essa que por exemplo salvou a missa e a faz ser aceite por uma imensidão de seres que se não fora isso não a teriam admitido,
essa ideia de que a missa não passa de um espectáculo,
de uma representação virtual sem existência e sem serventia;
ora, em contrapartida, sucede que
sob a sua aparência virtual e teatral,
a missa é, ao invés, um espectáculo com serventia
(a missa contém um dos meios de acção real mais eficazes da vida, mas isso ignoram-no as multidões, que ela é um meio de acção tenebroso, e erótico, e sombrio, pois se fala de missa negra, quando precisamente o princípio e a razão de ser da missa é o ser negra,
é que não há missa branca,
toda a missa dita é um acto sexual a mais na natureza resgatada.)

E dito isto, repiso a ideia de que toda esta emissão foi feita apenas para protestar contra esse pretenso princípio de virtualidade, de não realidade,

de espectáculo enfim
indefectivelmente ligado a tudo o que se apresenta, como se com tal facto se pretendesse socializar e ao mesmo tempo paralizar os monstros, introduzir através do canal do palco, do écran ou do microfone, as possíveis deflagrações explosivas demasiado perigosas para a vida, e que assim são desviadas da vida.

O inconsciente actual está sobrecarregado, as pessoas já não suportam trazer consigo algo que pisam e repisam sem fim, porque as proibiram de tal fazer, de falar e de mostrar isso.
E a polícia dos iniciados que, sem que ninguém o saiba, há eternidades que deitam a vida a perder, mas que têm a pretensão de serem só eles a fazê-lo,
tem ordens
para desviar
para o teatro, para o cinema, para a rádio, assim como para a missa,
uma certa e determinada coisa que eu estive internado durante 9 anos por ter querido dizê-la
e que direi.
Di-la-ei, a essa tal coisa que explica o motivo das epidemias, das fomes, das pestes, da guerra, etc. ...

(A PROCURA DA FECALIDADE)

I

De uma vez para sempre,
para que fique bem entendido
e retido
de uma vez para sempre,
eu renego o baptismo,
eu cuspo sobre cristo
tão pouco inato quão profundamente iníquo e reprovado,
eu abjecto o sinal obsceno e catastrófico da cruz.

priur
fantisch
tru
stru
strastsa
tas belle
strsa
tasbelli
ta
fra
la
la

II A PROCURA DA FECALIDADE

Onde cheirar a merda
cheira a ser,
o homem podia muito bem deixar de cagar,
mas preferiu cagar
como poderia ter preferido viver
em vez de consentir em viver morto.
É que para não fazer cócó teria que aceder a não ser,
mas ele é que não foi capaz de se resolver a perder o ser,
isto é a morrer vivo.
Existe no ser algo de particularmente tentador para o homem,
algo que vem a ser justamente
o CÓCÓ.
Onde bastar ser covarde,
vil,
velhaco,
ser numa palavra um panasca enrabado
para se ter direito a existir,
será para aí que o homem irá.
Desde que tenha de haver resistência ou contensão,
todos fogem.
Desde que para viver se tiver que ser alguém,
o homem retira-se.
Vendo bem,
ele apenas soube ser algo
mas nunca alguém,

para ser alguém
é preciso ter OSSOS,
não ter medo de mostrar os ossos,
e de caminho perder a carne,
o homem sempre gostou mais da carne
do que da terra dos ossos,
é porque só o que havia era terra e madeira de ossos,
e ele viu-se obrigado a ganhar a sua carne,
só o que havia era ferro e fogo
e merda não,
e o homem teve medo de ficar sem merda
ou antes desejou a merda
e para isso sacrificou o sangue.

Para ter merda, quer dizer carne,
ali onde só o que havia era sangue
e um ferro-velho de ossadas
e língua não,
ali onde havia um pivete dos diabos,
onde tudo se chateava sem esperança
só pelo prazer da raça
de ser forte
e onde nada havia a ganhar
mas onde havia a perder a vida,

o reche modo
to edere
de za
tau dau
do padera cócó

aí o homem retirou-se e fugiu
pois nunca lhe agradou tentar o combate

paya nea nea
poi matia

com o tempo ou os espaços,
no espaço,
como o espaço,
preferiu
deixar andar
e deixar-se enrabar lindamente,
e então os bichos comeram-no,
não foi uma violação,
ele prestou-se a esse obsceno repasto,

tomou-lhe o gosto,
aprendeu por sua vez
a fazer de bicho
e a comer a sua ratazana
com toda a delicadeza.

Pois onde cheirar a merda
cheira a ser,
o cheiro a merda é o cheiro do ser
mergulhado na merda,
o homem tomou o lugar dos animais
possíveis de detectar e de seguir pelo cheiro do seu estrume,
o homem quis ter também o seu estrume
e trabalhou dez séculos para o conseguir,
dez séculos de cobardia e de indiferença,
dez séculos de obscenidade,
de baixo erotismo,
de salacidade,
de ignomínia, de imundície,
de vil abandono,
de porcaria.
O homem procurou a fornicação e a porcaria.
Trabalhou todo o seu corpo numa vil e obscena demanda do pecado.
Porque ele quis que fosse pecado o existir
e esse pecado insinuou-o ele por toda a parte,
não há porcaria que ele não tenha acabado por consumir,
soube inventar a vilania
e transformá-la num bolo de rei.
Pois o homem vulgar
desconhece até onde
pode chegar
o vício

de se possuir um corpo
e de se servir desse corpo.
Ele não sabe como é utilizado o seu corpo
mas também o pecador não conhece toda a fecalidade,
não deparou ainda com todos os pecados e todos os vícios,
falta-lhe ainda experimentar muitas mais ignóbeis sensações
pois a sua lista é infinita e inesgotável.

15 de Novembro de 1947.

III

Qual de nós
jamais
jamais
jamais
procurou
um certo ínfimo estado de vácuo do seu pensamento de cego,
qual de nós
jamais tentou
uma nova forma
de ser porco ao ver-se só.

IV

O ser não é a superioridade do homem.
É o melhor do homem o que melhor o representa.

V

A bestiaga é o ser.
De olhos fechados
eu avançava,
coxeando pela manhã dentro, à descoberta da bestiaga do ser.

VI

Para VIVER há que ter um corpo,
quem teve a ideia do corpo
a constituir e a fazer,
quem contou com algo mais que o acaso,
com um «Deus» para fazer um corpo?
Não, o corpo, é cada um de nós que o faz, senão ele não vale
nada e não se aguenta
e esse corpo provém do mérito e da qualidade,
provém dos actos praticados.

*

Yvonne,
Ana,
Catherine,
Cécile,
Neneka,
os soldados
furam-se
um corpo,
pobrezinhas.

VII

Uma ideia do que as coisas são,
só a bestiaga chamada deus é que assim pode pôr a questão,
as coisas são o que as fazem ser,
e quando admitimos
que existem coisas
e que nós aqui estamos
é porque as não fizemos,
aquilo a que se chama deus é este exército de micróbios, de aparas caídas do trabalho de constituição das coisas, para o qual ainda se não achou lugar e que se revoltou no meio do acaso e do inferno.
Isto não se diz,
mas zurze-se até ao nada,
o qual pretendeu ser.

VIII

Cago **na cruz.**

Abjecto toda a cruz.

Sou puro.
Sou puro.
Sou puro.
Sou puro.
Sou puro.

Abjecto todo o sinal.

Apenas crio máquinas instantes de utilidade.

Nunca mais farei cócó.

(CONCLUSÃO)

I

E agora, Sr. Artaud, porquê esta emissão?

— Porque há 100.000 missas por dia à superfície da terra e 100.000 vezes sinto eu perpassar sobre mim a atracção de uma pequena rodela branca que se eleva como que acima da terra e de todas as esferas do incriado e do inato perante 100.000 vezes 10.000.000 formas anuentes e ajoelhadas,

e isso influencia-me o sistema nervoso como influencia o do Presidente Loubet, o de Caillaux ou o de Fallières,

isso é magia.

2.º Passei uma vez pelas águas lustrais do baptismo e não me apetece recomeçar, ainda que à distância, essa operação, milhões de vezes ao dia.

3.º Dá-se no movimento da língua sobre a hóstia um coito em que o ventre do invisível do nada antecipa o fecal e eu não gosto disso, não gosto que me estejam a gozar, a mim.

4.º Para já não falar das bacanais voluntárias da hóstia com o palato sob a acção do suco de uma boquita desavergonhada.

5.º Reclamo a restituição de todos os objectos que me foram roubados:

a minha bengala,
uma tonelada de heroína,
e o órgão que em mim fazia as vezes de estômago
e que substituíram pelo estômago
porque os homens gostam imenso de viver,
mas mesmo nisso de viver que seja a expensas de outrém.

6.º E há depois a inveja da sorte,
mas sorte é coisa que não há,
cada um cria a sua sorte
à força de perder a vida
e de consentir em estar morto.

O apocalipse geral histórico principiou.

Só a maldade humana criou o mal da dor,
a preguiça,
a inveja.

O amor da independência.

II

Estes pés, estes ventres, estes ombros, estas mãos, estes cotovelos, estas rótulas, estes dentes
que fazem

bua
e
bua
buala
buraca
burtra

e que extraem do ar uns bichos,
que soltam no ar esses bichos que alguns vêem e outros não
e esses bichos que fazem cócó
aqui e acolá
tudo isso é deus é o que é
e depois disto tu que pensas de deus?

— Penso que não percebo.

— Pois bem, esses bichos ninguém os vê,
são os micróbios da dança dos mortos à qual desde os séculos dos séculos as raças das raças pelas encostas do Himalaia, dos Cárpatos, dos Apeninos e do Cáucaso incessantemente se entregam,

esses bichos que saem dos pés, dos ombros, do pâncreas, do fígado nessas danças de porcos sujos a que as raças não renunciam
e assim florescem aqui e além
e isso dá uma terra que calca

— que calca

— sim, que ferve,
que fervilha, sim, e vai fecundar os membros mortos,
fecundá-los de coisas doentes,

e isso dos órgãos vendo bem nunca ninguém percebeu para que serve.

— Pois bem, imaginei um teatro da crueldade que dança e que berra para fazer cair os órgãos
e varrê-los de todos os micróbios,
e na anatomia sem fendas-feridas do homem,
já limpa de tudo o que era lixo,
fazer sem deus reinar a saúde.

— Tudo isso é história,
à primeira vista
é uma utopia,
mas põe-te desde já a dançar, macaco de uma figa,
meu imundo macaco europeu que nunca soubeste levantar o pé.

*

Nesta altura o outro homem grita e protesta
e dá-se por finda a emissão.

III

— Mazatão
que coisa bem a cher esta emichão?

Acabaram de ouvir um ataque a certos processos nojentos do mundo oficial americano
onde, segundo parece, se psicanalizam crianças
convidando-as a dar gratuitamente o seu esperma com vista a futuras fecundações artificiais,

e pa fazer mûntos soldados.

E isso porque se pensa que vai haver guerra
e que se irá à guerra
e que se irá ainda ter que combater,
e, o que é mais grave,
é que o continente onde só havia Índios qu'andavam em guerra
lá do outro lado,
lá do outro lado onde viviam homens
que se batiam com os do lado de cá,
esse continente pretende entrar agora numa guerra a sério contra a verdadeira umanidade,

e eu então quis mostrar o que eram os Índios,
e quis depois mostrar o que vinha a ser isso de um ser mais o seu corpo e porque é que este era assim tão mau e disse-o.

Não,
o ser não tem corpo,
o homem,
uomem,
é que tem um corpo,

o ser não passa de uma palavra,
uma palavra,
uma palavra
que serve para designar
essa coisa que é
uomem,

e materialmente,
espacialmente falando,
o ser será quando muito uma larva,
o ser em si dará na pior das hipóteses uma larva,
uma larva atmosférica,
só e apenas isso, estão a ouvir, só e apenas isso, essa grande
palavra não dará mais do que uma larva atmosférica
do que uma larva atmosférica
só e apenas isso,
estão a ouvir.

E que quer isto dizer, todos estes seres que para aí brotam por todos os lados, quer dizer que isto aqui é o reino da peidorreira e que precisamos de outro amo que não, justamente, o rei Peidoca.

— Belo achado o seu, senhor Totaud, o de descobrir que toda esta ausência de evidências carecia de um ordenador, mas então acha que será essa a solução e que para haver paz no mundo é preciso apertar a tarracha aos Americanos, aos Russos e a todos esses a que os jornais chamam fautores de desordem.

— É que nesse caso está a fazer política, senhor Totaud.

— O que eu quero dizer é que é preciso estoirar com o rei Peidoca, esse príncipe dos gases mefíticos a que todos os povos chamam Deus e para fazê-lo ir pelos ares é preciso estoirar com a discussão que o traz sempre ao primeiro plano da questão. O que eu digo é que se acabaram as questões. Tudo isso não passa de palavras. Basta de palavras dessas.

(O TEATRO DA CRUELDADE)

I

O corpo é o corpo,
existe por si
e não precisa de órgãos,
o corpo nunca é um organismo,
os organismos são os inimigos do corpo,
as coisas que nós fazemos
amanham-se sózinhas
sem o concurso de qualquer órgão,
todo o órgão é um parasita,
cumpre uma função parasitária
destinada a manter vivo um ser
que não deveria existir.
Os órgãos foram feitos unicamente para dar de comer aos seres,
quando estes desde o princípio que estão condenados e nenhuma
razão têm de ser.

A realidade ainda não está de pé porque os órgãos verdadeiros
do corpo humano ainda não estão formados e devidamente
colocados.

O teatro da crueldade foi criado para obviar a essa colocação e para, mercê de uma dança nova do corpo do homem, conseguir derrotar esse mundo dos micróbios que mais não é do que o nada coagulado.

O teatro da crueldade pretende fazer dançar as pálpebras a par
com os cotovelos, as rótulas, os fémures e os dedos do pé,
e que todos o vejam.

II

Sabeis de algo
mais ultrajantemente fecal do que
a história de deus
e do seu ser Satanás o estúpido,
a membrana do coração,
a porca ignominiosa,

a ideia do prego e da membrana vagueando pelo espaço,

ideia do homem que era prego e membrana
mas a quem o prego e a membrana mostravam por seu turno
a sua superioridade,
ideia do homem enfim que seria pura e simplesmente um homem
e o homem, mas sem jamais conseguir estabelecer de um modo
definitivo a sua superioridade sobre os domínios do possível.

Porque enfim de onde vêm os animais?

De o mundo das percepções corporais
não se encontrar no seu devido plano
nem sequer perfeito,
de haver uma vida psíquica
e nenhuma vida orgânica,

do facto da simples ideia de uma vida orgânica pura ser possível,

de poder estabelecer-se uma distinção entre a vida orgânica
embrionária pura
e a vida passional e concreta integral do corpo humano.

O corpo humano é uma pilha eléctrica
cujas descargas foram castradas e reprimidas,

cujas aptidões e tendências foram orientadas para a vida sexual
quando ele afinal foi feito para absorver, mercê dos seus deslocamentos voltaicos, todas as disponibilidades errantes
do infinito do vácuo,
dos buracos de vácuo
cada vez mais incomensuráveis
de uma capacidade orgânica inesgotável.

O corpo humano necessita de comer,
mas quem experimentou jamais para lá do plano da vida sexual
a incomensurável capacidade das atracções?

Fazei enfim dançar a anatomia humana,

e o problema da rarefacção dos géneros alimentícios ficará solucionado por já não ter ensejo de se pôr.

Obrigaram o corpo humano a comer,
obrigaram-no a beber
para evitar pô-lo a dançar.

Obrigaram-no a fornicar o oculto
só para fugir a pressionar e supliciar a vida oculta.

Pois nada como essa pretensa vida oculta necessita tanto de ser supliciado.

O teatro da crueldade não é o símbolo de uma vida ausente,
de uma pavorosa incapacidade,
mas sim a afirmação de uma terrível e aliás inelutável necessidade.

Nas encostas jamais visitadas do Cáucaso, dos Cárpatos, do Himalaia, dos Apeninos,
todos os dias se celebram,
noite e dia,
desde há anos e anos,
pavorosos ritos corporais
em que a vida negra,
a vida negra e jamais controlada
dos membros e órgãos tidos como abjectos
porque
perpetuamente abjeccionados,
recalcados aquém da rapacidade da vida lírica exterior
se entrega a todos os delírios
a par do derramamento cada vez mais fascinante e virgem de um
licor cuja natureza nunca ninguém pôde classificar
por ser cada vez mais incriada e desinteressada.

Tudo isso é de momento sexual e obsceno
visto nunca ter podido ser trabalhado e cultivado para lá do obsceno
e os corpos que ali dançam são inseparáveis do obsceno,
desposaram sistematicamente a vida obscena
mas há que destruir esta dança de corpos obscenos e substitui-la pela dança de outros corpos.

Andei desvairado e tetanisado durante anos com a dança desse pavoroso universo de micróbios nos quais reconhecia, na vida de certos espaços recalcados, os homens, as mulheres, as crianças da vida moderna,

fui constantemente atormentado pela comichão de intoleráveis eczemas em que todas as purulências da vida erótica do caixão fervilhavam à vontade.

Há dez anos que forçam a minha sensibilidade a descer os degraus dos mais monstruosos sarcófagos,
do mundo ainda inoperado dos mortos
e dos vivos que preferiram (e ao ponto a que chegámos, é por vício),
que preferiram viver mortos,
mas eu tentarei muito simplesmente não adoecer
e tal como eu toda uma série de gente que é toda a que eu conheço.

o pedana
na komev
tau dedana
tau komev

na dedanu
na komev
tau komev
na come

copsi tra
ca figa aronda

ka lakeou
to cobra

cobra ja
ja futsa mata

da serpente nã
há na

Porque vós deixastes os organismos deitarem a língua de fora havia que cortar aos organismos a língua à saída dos túneis do corpo.

Só há peste, e cólera, e febre negra
porque a dança e por conseguinte o teatro
ainda não têm existência.

Onde está o médico dos corpos racionados pela actual miséria
que já tentou ver de perto um colérico?

Auscultando a respiração ou o pulso de um doente,
prestando ouvido, frente ao campo de concentração desses corpos racionados pela miséria, ao bater de pés, de troncos e de sexos desse imenso e recalcado campo de certos terríveis micróbios
que são
outros tantos corpos humanos.

E onde se encontram eles?
Ao nível ou nas profundidades de certos túmulos em sítios historicamente quando não geograficamente insuspeitados

ko embach
ta ur ta bella
ur ta bella

kau embach

Aí marcam os vivos encontro com os mortos e certos quadros de danças macabras não têm outras (...)

São estas rebeliões onde a cada passo se delineia o encontro de 2 mundos inauditos, que constituíram a pintura da Idade Média como aliás toda a pintura,

toda a história
e direi mesmo
toda a geografia,
a terra pinta-se e descreve-se sob a acção de uma terrível dança a qual ainda não foi obrigada a dar epidemicamente todos os seus frutos.
Etc., etc.

19 de Novembro de 1947

ANTONIN ARTAUD

P. S. — Onde houver metafísica, mística, dialéctica irredutível
ouvirei eu contorcer-se o grande cólon da minha fome
e sob os impulsos da sua vida obscura
ditarei às minhas mãos a sua dança,
aos meus pés
ou aos meus braços.

O teatro e a dança do canto
são o teatro das furiosas revoltas da miséria do corpo humano perante os problemas onde não penetra ou cujo carácter passivo, especioso,
ergótico,
impenetrável,
inevidente,
o excede.

Ele então dança em montes de khó, khó
infinitamente mais áridos,
mas orgânicos,
põe em marcha a muralha negra,
a deslocação do interno licor,
o mundo das larvas invertebradas de onde se destaca a noite
sem fim dos insectos inúteis:
piolhos, pulgas, percevejos, mosquitos, aranhas,
só é possível
porque o corpo de todos os dias perdeu com a fome a sua
primitiva coesão
e assim perde ele em baforadas, em montes e montes, em
séries, em infindáveis teorias o fumo negro e amargo
das fúrias da sua energia.

P. S. — Quem sou eu?
De onde venho?
Sou Antonin Artaud e mal digo isto
como só eu o sei dizer
imediatamente vereis o meu corpo actual
voar em estilhas
e refazer sob dez mil formas
um corpo
no qual jamais
me podereis esquecer.

EXTRACTOS DA IMPRENSA DA ÉPOCA

(segundo as Notas do Tomo XIII da «Obra Completa» de Artaud)

Em Novembro de 1947, Fernand Pouey, que era então director das emissões dramáticas e literárias da Radiodifusão Francesa, propôs a Antonin Artaud preparar uma emissão para um ciclo intitulado *Voz dos poetas*. Garantia-lhe toda a liberdade na elaboração deste trabalho: escolha dos textos e dos autores, número de ensaios que lhe parecesse necessário. Além disso, para lhe facilitar ao máximo a tarefa, pôs à disposição de A. A. uma secretária da estação radiofónica à qual poderiam ser ditados os textos que comporiam a emissão. O que foi feito durante numerosas sessões nos escritórios da rua François-I.

O contrato entre a Radiodifusão francesa e Antonin Artaud foi assinado pouco depois, a 7 de Dezembro de 1947. O título *Para acabar de vez com o juízo de deus* tinha sido decidido aquando da aceitação do projecto.

Com excepção de *Tutuguri, o rito do sol negro,* que Artaud acabara de escrever para juntar à *Viagem ao País dos Tarahumaras,* e que ele considerou desde logo como elemento primordial de base, e do poema que nos pediu que escolhêssemos livremente, entre os últimos escritos, para o dizer durante a sessão, escolha que recaiu em *Põe-se a questão de...*, os textos que compõem *Para acabar de vez...*, como aqueles que se encontram no *Dossier,* excepto a Introdução geral, foram escritos durante o mês de Novembro de 1947 expressamente para a emissão em causa.

Os textos foram ensaiados, e depois gravados, durante muitas sessões, entre 22 e 29 de Novembro de 1947. Houve ainda uma sessão posterior que foi reservada à gravação dos ruídos. Numerosos instrumentos de música foram postos à disposição de Artaud: xilofones, tambores, timbales, gongos, nos quais improvisou a música com que acompanhava o seu trautear compassado. Assim registou gritos de diversas intensidades e passagens de glossolálias. Foi também gravado, após diversos ensaios, um diálogo em glossolálias entre ele e Roger Blin.

Por fim, ouvida uma primeira montagem, em Janeiro de 1948, Antonin Artaud achou necessário fazer alguns cortes nos dois textos que ele próprio tinha lido: o que iniciava a emissão e o da Conclusão. No que respeita a esta, insatisfeito pela primeira gravação e decidindo suprimir-lhe a primeira metade, voltou a gravar a parte restante, a partir de *Está a delirar, senhor Artaud.*

A emissão estava programada para o dia 2 de Fevereiro de 1948. E foi assim anunciada nos jornais radiofónicos:

CANAL PARISIENSE

22.45 — A Voz dos Poetas (primeira emissão): Para acabar de vez com o juízo de deus, *de Antonin Artaud, com Maria Casarès, Roger Blin, Paule Thévenin e o autor. Realização: René Guignard.*

Tendo atraído a atenção dos cronistas, surgiram, antes de ser difundida, numerosos artigos a seu respeito. Por exemplo:

A Rádio

ANTONIN ARTAUD
VAI FAZER BARULHO
E BARULHOS NA T S F
COM O SEU
JUÍZO DE DEUS

À hora tardia que a rádio reserva aos poetas, ouviremos em breve (2 de Fevereiro às 22 e 45 no canal de Paris) uma emissão com este título definitivo: Para acabar de vez com o juízo de deus.

O autor é uma personagem fora de série. Antonin Artaud, poeta, actor, encenador que já viveu uma existência extravagante.

Antes da guerra, criara o «teatro da crueldade», uma fórmula original que, mediante a representação dos actores e a encenação, levava à participação do espectador numa atmosfera extraordinária de fantástico e de drama.

Em 1938 parte em viagem pela América do Sul. Datam de então as suas desventuras, é enfeitiçado pelos Índios do Brasil.

No seu regresso a França, Artaud é internado numa instituição do Sul onde permanece seis anos. No ano seguinte volta a aparecer no Vieux-Colombier, onde faz uma conferência na qual conta a história do seu enfeitiçamento.

*Espera-se com curiosidade e alguma inquietação este «*Juízo de Deus*» cuja gravação fez já certo barulho no meio dos profissionais da rádio. Uma espécie de sinfonia de gritos de animais para a qual o poeta não recorreu a qualquer máquina ruidosa, mas que executou com as próprias cordas vocais, obteve junto dos operadores o mais vivo sucesso.*

Dimanche - Records, 25 de Janeiro de 1948.

Certos jornais radiofónicos acompanharam o anúncio da emissão com uma nota circunstanciada:

PARA ACABAR DE VEZ COM O JUÍZO DE DEUS

Antonin Artaud, que acaba de conquistar o Prémio Sainte-Beuve, é de certeza o mais poderoso mágico da nossa época. A luta contra os demónios que nos rodeiam e nos cercam assemelha-se à de um Rimbaud, *de um Lautréamont ou de um Van Gogh. Os seus poemas são talismãs contra esses feitiços que se chamam a guerra e a tortura.*

Antonin Artaud, depois de nos ter dado O Teatro e o seu Duplo *e um notável poema sobre Van Gogh,* O Suicida da Sociedade, *acaba agora de escrever uma obra radiofónica:* Para acabar de vez com o juízo de deus. *Esse texto, que será difundido pelo canal parisiense, na segunda-feira, 2 de Fevereiro, às 22 e 45, interpretado por Maria Casarès, Paule Thévenin, Roger Blin e o autor, arrisca-se por certo a parecer hermético ou «chocante» para alguns. Mas os poemas de Rimbaud, hoje em dia aceites e compreendidos, não tinham para o público da sua época a mesma aparência de obscuridade?*

De qualquer maneira, parece-nos louvável que a Radiodifusão Francesa não tema fazer ouvir ao público, sejam quais forem os riscos, a voz de um poeta como Antonin Artaud.

Radio - Revue, semana de 1 a 7 de Fevereiro de 1948.

Foram artigos como este que chamaram a atenção dos serviços do sr. Wladimir Porché, director-geral da Radiodifusão Francesa? De qualquer modo, o facto é que ele quis ouvir antecipadamente a gravação e que, depois disso, decidiu proibir a transmissão, decisão essa tomada na própria véspera, domingo 1 de Fevereiro de 1948. Logo a 4 de Fevereiro, o *Combat* anunciava essa medida de proibição:

O SR. WLADIMIR PORCHÉ TINHA MEDO DO MOMO CRU

Antonin Artaud — que a si próprio se domina Artaud-le-Mômo — deveria, na passada segunda-feira às 22h45, acompanhado por Maria Casarès, Roger Blin e Paule Thévenin, realizar uma muito ansiada estreia na Rádio. Com efeito, era ele próprio intérprete do principal papel no poema dramático que escrevera para a rádio Para acabar de vez com o juízo de deus.

Mau grado o compreensível terror dos técnicos e engenheiros de som, pouco acostumados a trabalhar com actores tão apaixonados como o sr. Artaud, as gravações do referido poema foram levadas a bom termo sem incidentes dignos de nota. Quando muito, o realizador radiofónico apenas tivera, por várias vezes, que desligar o microfone aquando de alguns «movimentos dramáticos» demasiado sentidos.

A noite de segunda-feira terminou, todavia, sem que «se pudesse acabar com o Juízo de Deus». O sr. Wladimir Porché, apavorado, parece, com a linguagem «demasiado crua» do sr. Artaud, dera ordem ao director dos Programas literários, sr. Pouey, para adiar a emissão.

Quanto ao sr. Pouey, achava, pelo seu lado, que todos os poetas têm direito a exprimir-se e que, no caso de Rimbaud voltar ao meio de nós, tão cobertos de ridículo ficaríamos no caso de não lhe darmos a palavra como no de lhe expurgarmos os textos. Era comparar (certamente que com demasiada audácia) Artaud a Rimbaud.

Existe, portanto, na Radiodifusão, um conflito literário. Amanhã vai reunir-se no estúdio um júri «composto por personalidades», a fim de escutarem a litigiosa emissão e decidirem se poderá ser difundida. Asseguram-nos que o sr. Porché terá em conta o que eles arbitrarem.

Perante a interdição formulada por Wladimir Porché, Fernand Pouey tinha efectivamente proposto fazer ouvir *Para acabar de vez...* a uma espécie de júri composto por escritores, jornalistas, músicos, pintores, etc., que opinariam sobre a oportunidade da transmissão. Convencido do valor do trabalho de Antonin Artaud, esperava assim fazer com que Wladimir Porché reconsiderasse a sua decisão. Para melhor o conseguir pedira a Roger Vitrac que este escrevesse e gravasse uma curta apresentação que informaria os ouvintes sobre o lugar ocupado por Artaud na poesia e no teatro contemporâneos, ao mesmo tempo que os prepararia para o que iriam depois ouvir. Apresentação que de modo algum havia sido prevista no início. Apesar desta precaução, apesar do parecer favorável da quase unanimidade das pessoas presentes a 5 de Fevereiro de 1948 num estúdio da rua François-I, a proibição foi mantida. Fernand Pouey recusou ceder à arbitrariedade e demitiu-se do lugar que ocupava.

Podemos seguir a evolução deste caso na Imprensa da época e tomarmos conhecimento das suas repercussões:

PODERÁ O «JUÍZO DE DEUS» SALVAR ANTONIN ARTAUD?

O sr. Fernand Pouey, director das emissões dramáticas e literárias da rádio, convocou ontem umas cinquenta personalidades das letras e das artes a fim de saber a sua opinião acerca da famosa emissão de Antonin Artaud «Para acabar de vez com o juízo de deus», que deveria ter ido para o ar na passada segunda-feira e que o sr. Pouey adiou.

Encontravam-se presentes os senhores Georges Altman, o R. P.^e Laval, Max-Pol Fouchet, Raymond Queneau, Pierre Herbert, Pierre Laroche, Roger Vitrac, Ribemont-Dessaignes, Paul Guth e mais umas quarenta pessoas de todos os quadrantes e opiniões, todos atentos à litigiosa emissão. As primeiras palavras de Artaud, que excepcionalmente retomou o seu mister de actor ao lado de Roger Blin e Paule Thévenin, empolgaram a assistência. Alicerçando solidamente o seu teatro num mundo que há dez anos frequenta assiduamente, Artaud descobria entoações cuja justa medida nos fustiga e incomoda. A crueza da linguagem que lhe censuram desaparecia na torrente daquela voz inspirada que parecia cair do céu.

Terminada a emissão, a assistência aplaudiu unanimemente o sr. Fernand Pouey por ter tido a coragem de dar o microfone a um dos nossos maiores poetas. As discussões havidas debateram a oportunidade de um texto de apresentação destinado aos quinze milhões de ouvintes. É provável que o texto venha a ser escrito, mas o programa virá a ser transmitido, ou não? O sr. Porché, que carrega toda a responsabilidade da Rádio, no seu conjunto, pareceu indicar, no decurso de uma certa intervenção, não se sentir de modo nenhum obrigado a seguir a opinião da dita assistência. Será que é ainda mais pudibundo que o R. P.^e Laval, que fez rasgados elogios à emissão de Artaud?

Combat, 6 de Fevereiro de 1948.

TEMPESTADE À VOLTA DE UM MICROFONE OU A CONTROVÉRSIA ARTAUD-PORCHÉ

Num dos estúdios da Radiodifusão Francesa decorreu ontem uma reunião íntima de intelectuais, críticos e artistas, convocada pelo sr. Fernand Pouey, director da programação literária. Debate de pura forma, assembleia consultiva. Tratava-se de saber se o sr. Wladimir Porché, director-geral da Rádio, tivera ou não tivera «radiofonicamente» razão em proibir a difusão de um texto «inaudito» do grande poeta surrealista Antonin Artaud, que devia ser transmitido na segunda-feira às 22 e 45 no canal de Paris.

Para acabar de vez com o juízo de deus *é o título da obra, interpretada a quatro vozes (uma delas do próprio autor) sobre fundo sonoro, durante quarenta minutos. A assembleia escutou com gravidade este trabalho poético cujos ecos se repercutiam de tantans em incongruências sobre a pele dos órgãos mais profundos e secretos do ser humano.*

Mais não podemos dizer. O que não pode passar ao microfone não passaria também na imprensa, por idênticas razões. Um documento humano não se emite para o espaço feito em migalhas. Iamos jurar que perderia o seu valor.

Mas quanto a isso de impedir um homem — tenha ele génio ou não — de se exprimir ao microfone, os intelectuais foram unânimes: a liberdade só é um escândalo para aqueles que a querem asfixiar.

Bem o disse um reverendo dominicano no final dos debates: «Deixemos Artaud acabar de uma vez para sempre com o Juízo de Deus.»

J. D.

Franc-Tireur, 6 de Fevereiro de 1948.

UMA EMISSÃO QUE FAZ BARULHO
ESCRITORES E ARTISTAS JULGARAM ONTEM O JUÍZO DE DEUS DE ANTONIN ARTAUD

O poeta Antonin Artaud é um homem que inquieta os homens. Não goza de popularidade nem de simpatias. Vive só com o seu singular dom de perturbar aqueles que o escutam e lêem. Dele se diz que é louco, o que, afinal de contas, na boca dos maldizentes, é uma explicação e uma perfídia. É verdade que Artaud sofreu durante nove anos o regime de um asilo de alienados. E isto será argumento para se poder desdenhar do que ele escreveu? Quem pode crer em tal quando André Gide, Paul Éluard, André Breton, René Char e outros testemunham a sua integridade e o seu poder poético?

Já este ano foi Antonin Artaud distinguido pelo seu livro Van Gogh, o suicida da sociedade, *com o prémio Sainte-Beuve. E eis que, uma vez mais, ele dá que falar, agora na Rádio...*

O sr. Fernand Pouey, director dos programas literários e dramáticos, pedira a Antonin Artaud um texto para o «Théâtre de Minuit». Artaud escreveu-o e gravou-o ele próprio com Maria Casarès, Paule Thévenin e Roger Blin. Tratava-se de Para acabar de vez com o juízo de deus. *A emissão deveria efectuar-se a 3 de Fevereiro. Não foi transmitida. Porque o director-geral da Rádio, sr. Wladimir Porché, ao ouvi-la em privado, entendeu que o texto era chocante para os ouvidos inocentes. Todavia, a hora da emissão do «Théâtre de Minuit» (22.45 h.) fora especialmente escolhida para que os ouvidos inocentes a não ouvissem: às 22 e 45 as crianças dormem e as virgens velhas roncam...*

Mantendo o sr. Pouey as suas posições e o sr. Porché as dele, ambos os adversários (e amigos) decidiram submeter-se a uma arbitragem. Foi por isso que ontem, às 19 h., uns cinquenta literatos *e artistas escutaram e julgaram, numa espécie de pequeno comité,* É preciso acabar de vez com o juízo de deus. *Entre outros, estavam presentes: os srs. Jean-Louis Barrault, Louis Jouvet, Jean Cocteau, René Clair, Paul Éluard, Jean Paulhan, Marcel Herrand, etc. No final da emissão, os juízes concordaram em que era «uma belíssima emissão». Poucas reservas foram formuladas. A decisão definitiva pertence ao sr. Porché. Manterá ele as suas objecções? Ou irá permitir a difusão do* Juízo de Deus*?*

PIERRE JOFFROY
Le Parisien Libéré, 6 de Fevereiro de 1948.

CRISE DE CONSCIÊNCIA NA RADIO

Para acabar de vez com o juízo de deus, *a emissão do poeta Antonin Artaud, não irá para o ar.*

Todavia, ontem à noite, no estúdio 26 da Radiodifusão, uns sessenta jornalistas, escritores, autores radiofónicos e actores, convocados para ouvirem a dita emissão, tão discutida, exigiram por unanimidade a sua transmissão.

Todos, desde Pierre Laroche até ao R. P.^{e} Laval, passando por Altman, Maurice Nadeau, Raymond Queneau, Georges Auric, Francis Ambrières, André Gillois, Max Favalelli, Edmond Sée, Claude Mauriac e este vosso criado, votaram pela sua difusão.

Mas o sr. Wladimir Porché, que carrega com a responsabilidade das furiosas reacções dos «nossos caros ouvintes», passará por cima de tudo isso.

Felicitou, aliás, Fernand Pouey por ter pedido a Antonin Artaud a composição radiofónica que de facto constitui um documento de grandeza sobre-humana.

Nós, evidentemente, votámos «a favor», em nome da liberdade de expressão e para saudarmos esse genial e profético louco que se chama Antonin Artaud.

Mas se fôssemos director da Radiodifusão, teríamos agido como o sr. Porché, teríamos agido de modo sensato.

Resta-nos agradecer a Fernand Pouey, que nos permitiu ouvir esta obra espantosa e felicitar o seu autor.

Poderíamos talvez sugerir a versão em disco, no acetato, desta composição radiofónica: para gozo privado dos admiradores do poeta.

RENÉ NAEGELEN
Le Populaire, 6 de Fevereiro de 1948.

UMA NOVA QUESTÃO RADIOFÓNICA: ENTENDAMO-NOS: IREMOS OU NÃO OUVIR É PRECISO ACABAR DE VEZ COM O JUÍZO DE DEUS?

Não houve ontem à noite, na Rádio, nenhuma daquelas «questões» retumbantes como as que por lá tem havido mais ou menos de três em três meses e que provocam, de cada vez, a saída da casa de uma personalidade conhecida do público; desta vez a questão não está completamente saneada. Os últimos escândalos radiofónicos tinham sido, convém recordar, a questão Sartre e a questão Bénazet.

Agora é o sr. Fernand Pouey que põe em jogo o seu posto num conflito gerado a propósito de uma emissão que estaria a cargo do sr. Antonin Artaud.

É conhecida a tumultuosa personalidade deste poeta que tem admiradores e detractores apaixonados e que durante sete anos esteve encerrado (diz ele que sem razão) no manicómio de Rodez. Acaba de publicar uma obra sobre Van Gogh a quem chama «o suicida da sociedade».

O sr. Fernand Pouey, resolvido a fazer soprar nas ondas um vento de renovação, apela sempre que pode para escritores conhecidos, o que, da parte da obscura corporação dos «autores radiofónicos», lhe vale violentos ataques e o ser censurado de imoralidade. Tinham estas querelas intestinas atingido o seu ponto culminante, quando se soube que o sr. Fernand Pouey pedira a Antonin Artaud a realização de um programa.

O poeta gravou ele próprio o seu texto, juntamente com os comediantes Maria Casarès, Roger Blin e Paule Thévenin. Os técnicos da rádio não param de falar dessa gravação, que foi um tanto movimentada e até arriscada para o material dos estúdios.

*O título anunciado (*É preciso acabar de vez com o juízo de deus*), bastou para comover o sr. Wladimir Porché, director-geral da Radiodifusão Francesa, que pediu para ouvir a emissão. Considerou a difusão do texto do sr. Antonin Artaud impossível, e a emissão que devia passar no canal parisiense, na segunda-feira às 22 e 45 h. (hora a que as crianças já estão deitadas), foi adiada.*

O sr. Pouey mantinha as suas posições.

— Recusariam o microfone a Arthur Rimbaud? — dizia ele.

— A rádio dirige-se a um público muito vasto que não pode ser chocado nem nas suas convicções morais, nem nas suas convicções religiosas — respondem os partidários da proibição da emissão.

Tendo este desacordo sido amigável, os srs. Porché e Pouey convidaram para uma reunião um júri de personalidades literárias e artísticas que ouviram ontem à tarde, às 18 e 30, nos estúdios da rua François-I, a litigiosa emissão. Lá se encontravam Jean Paulhan, Adrienne Monnier, Paul Éluard, Jean-Louis Barrault, René Clair, Louis Jouvet, Jean Cocteau, Charles Plisnier, Marcel Herrand, e muitos mais.

O júri acha que a emissão pode ser ouvida

A audição privada da emissão de Antonin Artaud teve lugar tal como fora previsto.

As personalidades do júri foram unânimes na opinião de que deveria ser transmitida.

Mas o sr. Porché declarara que, sendo ele o responsável pela Radiodifusão Francesa, lhe parecia difícil mandar para o ar aquela emissão que, a ser transmitida, poderia vir a ser captada por alguns ouvintes desprevenidos.

A terminar, agradeceu a Fernand Pouey a experiência radiofónica, única no género.

A questão ficou-se por aqui.

La Presse du Calvados (Caen), 6 de Fevereiro de 1948.

SERÁ TRANSMITIDO O PROGRAMA DO EX-ALIENADO DE RODEZ?
SIM! — DIZ UM REVERENDO PADRE DOMINICANO
NÃO! — ASSEGURA O SR. WLADIMIR PORCHÉ

Mais ou menos de três em três meses, dona Rádio chama-nos a atenção mediante qualquer facto escandaloso. Será que o escândalo é a sua única publicidade?

Ontem a questão era o programa de Antonin Artaud, ensaísta da vanguarda, intitulado É preciso acabar de vez com o juízo de deus. *O sr. Fernand Pouey, director da programação literária da Rádio, ameaçava demitir-se. O sr. Wladimir Porché proibira a transmissão. O director da Radiodifusão Nacional entendia que o dito programa podia enfurecer certas consciências religiosas.*

Foi convocada uma espécie de assembleia arbitral formada pelos escritores, autores e críticos mais célebres de Paris. Esta assembleia ouviu, ontem à noite, nos estúdios da Radiodifusão Nacional, uma retransmissão da litigiosa emissão e pronunciou-se favoravelmente pela sua difusão. Em profundo silêncio, os membros da elite intelectual escutaram o monólogo ora delirante, ora absurdo, ora extático do referido escritor, que esteve cinco anos internado no manicómio de Rodez.

Antonin Artaud leva efectivamente, durante a emissão, a blasfémia até à obscenidade, numa linguagem entrecortada por gritos desarticulados. Dir-se-ia que, por momentos, o microfone se deslocou ao manicómio de Sainte-Anne.

A inesperada intervenção de um dominicano, o reverendo padre Laval, parece ter levado este tribunal de um género muito especial a emitir um parecer favorável.

— Eis finalmente a linguagem de um homem que sofre — declarou o dominicano.

Mas o conflito não está ainda resolvido. O sr. Wladimir Porché declarou que mantinha a proibição.

L'Aurore, 6 de Fevereiro de 1948.

«DE PASSAGEM»
DE BOURVIL A ARTAUD

A Radiodifusão inscrevera na sua programação um trabalho do sr. Antonin Artaud: É preciso acabar de vez com o juízo de deus. *Devia este programa ser transmitido a 3 de Fevereiro, pelo «Théâtre de Minuit», o qual, como o nome indica, vai para o ar às... 22 e 45.*

A essa hora, é de supor que as crianças inocentes e as solteironas mais rigorosas estarão já na cama há muito tempo. Esta circunstância autoriza portanto uma certa audácia.

O sr. Porché, director da Rádio, achou porém que desta vez a audácia era demasiada. Adiou a emissão e convidou um areópago para, em último recurso, desempatar.

Depois de ter ouvido É preciso acabar de vez com o juízo de deus, *este júri declarou que, apesar do seu realismo verbal (de que me deram alguns exemplos), se tratava de uma obra com alto valor artístico e que, por conseguinte, se devia oferecer, nua e crua, aos ouvintes.*

O sr. Porché manteve as suas posições e eu acho que fez bem.

Homens como os srs. Cocteau, Éluard, Herrand, Jean-Louis Barrault, Jouvet, René Clair e mesmo o R. P.^e Laval, que já deve ter ouvido pior na confissão, podem, sem qualquer risco de má jogada, dar aos termos mais grosseiros e às ideias mais violentas o lugar necessário na perspectiva de uma obra de arte.

Mas não se pega na Rádio como quem escolhe um livro. A maior parte das vezes roda-se o botão, ora para a direita, ora para a esquerda, e pára-se no que se encontra à primeira, naquilo que for mais audível.

Entre os quinze milhões de ouvintes que por acaso podiam vir a dar com o verbo tumultuoso de Antonin Artaud, quantos não seriam os que nele iriam achar matéria de escândalo ou baixo deleite? Uma certa forma de arte supõe uma audiência restrita.

Não passa pela cabeça de ninguém um recital Baudelaire no «Vel' d'Hiv».

A Rádio é uma arte de massas. E não há dúvida que se devem elevar as massas até uma arte que seja digna delas.

Mas será tomar o caminho mais curto passar assim de repente de Bourvil a Artaud?

GEORGES RAVON
Le Figaro, 7 de Fevereiro de 1948.

O SR. PORCHÉ TEM NAS SUAS MÃOS A SORTE DE ANTONIN ARTAUD

Prolongado rufar de tambor. No estúdio 26 da rua François-I, toma assento o júri convocado pelo sr. Fernand Pouey, director da programação literária, a fim de julgar Antonin Artaud, cujo poema Para acabar de vez com o juízo de deus *foi vítima de proibição temporária pelo sr. Wladimir Porché.*

Ali estão uns cinquenta jurados, entre os quais se reconhecem os seguintes: Georges Auric, Alain Cuny, André Gillois, Marcel Herrand, Claude Mauriac, Jean Vilar, Francis Ambrière, Paul Guth. No meio de todos estes laicos, reluz o hábito branco do R. P.^e Laval.

No meio do silêncio, uma extraordinária voz aguda de feiticeiro africano lança o desafio do poeta maldito à face do mundo falsificado! Artaud fala. É evidente que este poema negro e desesperado, trespassado por gritos perturbadores, pontuado por um tantan enfeitiçado, não deixaria de ferir os ouvintes habituais do sr. Georges Delamarre e indispor os ouvidos daqueles mais empedernidos. O vocabulário é de uma tal crueza que faz parecer o de Henry Miller digno da Biblioteca cor-de-rosa.

Realmente, trata-se de um documento humano prodigioso, mas importa saber se a Radiodifusão se pode arriscar a lançá-lo nas antenas. Após a audição, o sr. Porché exprimiu as suas apreensões e retirou-se muito discretamente, sem ter podido exprimir aos jurados a homologação do seu veredicto.

Entrou-se numa discussão cheia de cortesia. Ouviu-se a apresentação que Roger Vitrac, antigo companheiro de Artaud nos grupos de choque do surrealismo, escreveu para apresentar o poeta. André Gillois exprimiu o desejo de que fosse cortado o princípio, onde se contêm algumas agressões graves contra os Americanos. Outros opinaram que a emissão deveria ter lugar apenas a uma hora muito tardia, quando os castos dormem já em seu sono aprazível.

Conformemente com o costume democrático, votou-se. O escrutínio foi favorável à iniciativa de Fernand Pouey. Mas é o sr. Porché quem tem na mão a sorte de Antonin-o-Momo. Será que vai haver uma questão Artaud?

[MAX FAVALELLI]
Paris-Presse, 7 de Fevereiro de 1948.

SERÁ ANTONIN ARTAUD O AUTOR RADIOFÓNICO MALDITO?

Como se sabe, foi chamado a pronunciar-se um júri, composto de escritores e jornalistas, sobre a emissão do poeta Antonin Artaud, que o sr. Wladimir Porché hesita em tornar pública.

No decurso da discussão que se seguiu à audição da obra, enfrentaram-se opiniões contraditórias. O nosso colaborador, que assistia a essa reunião, é a título pessoal que aqui exprime a sua opinião.

Ouvimos finalmente o objecto do litígio, a emissão de Antonin Artaud Para acabar de vez com o juízo de deus.

Antes da audição, foram postos em questão certos atrevimentos, certas «palavras cruas» lançadas aqui e acolá. Isso é atenuar a realidade. Antonin Artaud ter-se-á proposto reunir, em quarenta minutos de discursos, tudo aquilo que a sua obra comporta de mais violento e de mais agressivo, o que conseguiu perfeitamente. A emissão começa por uma ficção — mas esta ficção, em Artaud, não se separa da realidade, ou seja, Artaud descreve como real um mundo fictício: «Parece — diz Artaud — que quando um novo aluno se apresenta numa escola americana é submetido à prova do líquido seminal, a fim de o esperma ser metido numa proveta, ficando pronto para todas as tentativas de inseminação artificial que possam vir a ser necessárias para obviar ao decréscimo da população causado pela guerra.» Depois de assim nos ter introduzido no seu universo, Artaud fala da guerra, tal como ela é feita e desejada pelos Americanos. Passa depois à metafísica: «Onde cheirar a merda, cheira a ser. Deus é um ser? Se é, é merda...»

Um documento humano

Dura esta emissão quarenta minutos, sempre neste tom, com uma violência que sobe de momento a momento. Para se fazer uma ideia exacta, é preciso ter em conta a voz alucinante do autor e as entoações agudíssimas que ele dá às palavras-chave: esperma, cócó, m... De vez em quando o texto é cortado por sessões encantatórias que nos permitem supor Artaud e os seus intérpretes dando voltas em redor do microfone, com o frenesim de uma dança de iniciação.

Tentei situar este texto, para que melhor se apreenda o debate que a propósito dele se iniciou. É incontestável que se trata de um documento excepcional e que devemos regozijar-nos por estar gravado e doravante à disposição daqueles a quem interesse o caso Artaud. É também certo que Artaud atinge às vezes momentos trágicos de uma intensidade que nunca ninguém sequer ousara pressentir, embora, aqui, o contrário deste trágico se mostre imensamente burlesco — mas não raro acontece arriscar-se o trágico a confundir-se com o burlesco. É finalmente verdade que Artaud consegue chegar — em rasgos repentinos — a verdades de ordem metafísica.

Admitindo tudo isto, deverá este programa ser transmitido? O sr. Wladimir Porché opõe-se e eu acho que tem razão. Se ele acedesse ao desejo do seu director literário, perderia a sua ditatorial poltrona nas quarenta e oito horas posteriores à emissão, não sem antes ter recebido um milhão de cartas de protesto. E com justiça, porque a questão essencial consiste em saber-se quantos são os ouvintes que em França poderiam estar interessados nos «vaticínios» de Antonin Artaud. Eu penso que esse número não atinge o milhar. Sendo assim, para quê provocar a indignação de quinze — ou dez ou cinco — milhões de ouvintes? Que esta indignação é injustificada e releva de muitos preconceitos, é uma verdade, mas não podemos ir contra ela. É inútil repetir a experiência da emissão atómica de Jean Nocher, a qual, sendo embora de gosto duvidoso, era para o público mais aceitável que a de Antonin Artaud.

O princípio dos programas reservados a uma minoria de ouvintes — chamados os ouvintes iniciados — é aceitável. Mas só na medida em que esses programas não vão provocar directamente o furor do grande público.

Deixemos portanto os poemas e os textos de Artaud nos livros e revistas onde podem ser encontrados por quem os aprecia — eu sou um deles. Deixemos igualmente entregues aos seus entusiasmos os membros da capelinha que faz de Artaud um mestre do pensamento e um novo Messias.

O fervor que os anima corre o risco de ser menos válido, e o seu zelo de discípulos pode falsear completamente a perspectiva pela qual a obra de Antonin Artaud deve ser considerada. Este louco genial não é — e não deve ser — por natureza, um homem público.

Esquerdismo dominicano

Não há portanto necessidade de permitir a Artaud — como exigia o sr. Pouey — «soltar o seu grito» perante o público radiofónico.

Aquando do debate que se seguiu a esta audição, a intervenção mais notada foi a de um dominicano, o R. P.^{e} Laval. Era resolutamente «a favor». A sua atitude é um exemplo do «esquerdismo» que anima um bom número de intelectuais de todas as tendências. Vivem com medo de deixarem passar, sem o saudarem, um novo Rimbaud. Praticam por isso uma política de «aprovação a todo o custo», mesmo quando no fundo não estão de acordo. Esquecem-se de que se Rimbaud fosse acolhido e festejado pela Sociedade e pela Gente das Letras *deixaria de ser Rimbaud para se tornar uma incarnação, ao gosto da moda, de Vitor Hugo. Não roubemos aos poetas malditos os benefícios da sua maldição.*

Mas, para lá desta «aprovação de princípio», a maior parte dos assistentes que votaram a favor fizeram-no em nome do «direito absoluto à liberdade de expressão». Ora tal direito não existe em matéria radiofónica. O ouvinte é por definição passivo e o papel de um director da Rádio é precisamente escolher por ele — com mais ou menos felicidade ou complacência — aquilo que tem possibilidades de lhe agradar. Ora Artaud tem poucas possibilidades de prender o interesse do grande público. Isto não é, de modo algum, razão para se deduzir — alguns dos assistentes a esta audição assim o fizeram — que o dito público é composto de imbecis.

RENÉ GUILLY
Combat, 7 de Fevereiro de 1948.

Este artigo valeu a René Guilly, no mesmo *Combat*, uma resposta de Maurice Nadeau a manifestar o seu desacordo:

COR DO TEMPO
«AO GOSTO DA MODA»

Estive outro dia, com René Guilly, entre os que assistiram e deram a sua opinião sobre o programa de Antonin Artaud Para acabar de vez com o juízo de deus. *Notei com satisfação que a unanimidade dos assistentes era favorável à difusão do programa, tendo embora em conta certas precauções a tomar.*

Por isso me espantei ao ver hoje o amigo Guilly a achar mau aquilo que outro dia julgava bom, já que não respondeu a Fernand Pouey quando ele pediu que quem se opunha se manifestasse.

Mas a questão não é essa. Concordo com Guilly quando acha escandaloso o programa de Antonin Artaud e alegro-me com esse escândalo. Não havia quem nos repetisse em todos os tons que, no estado de decadência em que nos encontramos, nada nos poderia já escandalizar? Quando um poeta só com a sua voz nos consegue escandalizar, é sinal de que as palavras têm um certo crédito. Eu entendo que não são apenas as palavras vociferadas por Artaud que causam escândalo, mas sim todo o seu texto e toda a sua inspiração. Tanto melhor, é o que se chama uma esmola. E quer Guilly reservar esta esmola para um círculo de iniciados — um dos quais diz ser ele? Isso é que eu já não entendo.

Se aprova Artaud, não acha que entre os milhares de ouvintes que o sr. Porché poderia oferecer ao poeta, alguns deverá haver que, como ele, necessitem de ouvir a palavra de Artaud? Os outros ficarão enfurecidos. Belo negócio: o sr. Porché perderá o seu posto? Mas então ele foi lá posto para o «ocupar» ou para «dirigir» a Rádio? Deverá pôr-se na balança a verdade que Artaud se esforça por fazer sair de si e o respeito pelas conveniências, a segurança de um funcionário? E Artaud terá que ser enviado para o manicómio, ou seja, para a sua capelinha de admiradores?

Se eu partilhasse a opinião do meu amigo Guilly, diria sem mais rodeios: «Artaud não me interessa», em vez de denunciar «os intelectuais que vivem com medo de deixarem passar, sem o saudarem, um novo Rimbaud», pois esta denúncia parece-me que se aplica perfeitamente a todo aquele que admira Artaud, mas que quer fechar-lhe a boca. Guilly não se importa, o pior é o público com o raio dos seus preconceitos; como ele tão bem diz: «não podemos ir contra ele». Já antes dele afirmaram o mesmo muitos milhões de Josés Prudhomme (1). Além do mais, Guilly,

---

(1) Joseph Prudhomme corresponderá em português à figura do palerma e «sensato» conselheiro Acácio. (N.T.).

por que razão se tira assim o crédito à sinceridade dos admiradores de Artaud? Complicam-lhe com os nervos ou quê? A mim também, mas se um grande homem pudesse ser admirado sem discordâncias...

Entretanto, e antes que se perca o ensejo, felicitemos o R. Pe. Laval, dominicano, por ter ousado dizer: «No meio de todas as cretinices que nos asfixiam, Antonin Artaud faz passar uma corrente de ar puro». Esse sim, teve coragem. Porque, se não estou em erro, Para acabar de vez com o juízo de deus *tinha postulado «acabar de vez com o juízo dos padres». Apesar disso, o R. Pe. Laval formulou o seu.*

O ponto de vista de René Guilly era o do bom senso? Não digo o contrário.

Quereria ele «acabar com o gosto da moda»? Disso não tenho a certeza.

MAURICE NADEAU
Combat, 8-9 de Fevereiro de 1948.

OS ARES DE PARIS

Para acabar com o Para acabar de vez com o juízo de deus, *de Antonin Artaud, a Radiodifusão Francesa propõe uma coisa astuciosa.*

Lembremos que umas cinco dezenas de ouvintes privilegiados tinham escutado o programa e creio que por unanimidade — pelo menos ninguém levantou a mão para se opor — votaram pela transmissão. Havia jornalistas na sala.

Hoje a Radiodifusão Francesa fez saber que põe o texto de Artaud à disposição dos jornais que queiram encarregar-se da publicação do poema, mas com a condição de este ser reproduzido in extenso.

Nenhum jornal vai ousar publicá-lo. Sejamos francos. E não é por causa dos «palavrões» que nele abundam. É que o texto não é acessível a qualquer um.

Artaud escreve para si e não para a grande massa. Tanto melhor para aqueles — e eu sou um deles — que se sentem terrivelmente impressionados com os gritos proféticos do poeta.

Mas é pouco ou nada ler esta composição radiofónica. É preciso ouvi-la. É preciso ouvir o homem só, amaldiçoar o homem sociedade. Importa muito a estridência dos seus gritos.

Por essa razão é que já aqui mesmo propusemos que o programa, que constitui um documento extraordinário, fosse gravado em disco.

E como dificilmente pode ser lançado no comércio, poderia fazer-se uma subscrição. Os «Quinze-Vintes» inscrevem-se já.

A Radiodifusão lança assim um repto aos jornalistas e jornais que se dedicam sobretudo a criticar as emissões mediocres que ela difunde, em vez de chamarem a atenção para as emissões de qualidade que por vezes nos dá a oportunidade de ouvirmos.

OS QUINZE-VINTES
Le Populaire, 8-9 de Fevereiro de 1948.

ARTAUD PERANTE O AREÓPAGO

Dona Rádio foi incomodada no domicílio por um caprípede, um autêntico poeta, um dos raros surrealistas que levaram até ao fim os seus sonhos temerários. Antonin Artaud encerrou-se num lugar terrível onde ele, trancadas todas as portas, acaricia o pescoço dos seus monstros favoritos.

«Biquette», a cabrinha, muito curiosa, quis entreabrir o reduto proibido, e o poeta, escapulindo-se em companhia de Maria Casarès e de Roger Blin, cúmplices de boa fé, saiu dali para, ao microfone, acabar de vez com o Juízo de Deus.

O resultado foi um assombroso documento humano ou mesmo sobre-humano. Só que os estúdios estão infestados de baratas sonolentas, de *poeirentos Tartufos que acorreram logo a casa do Padre Soupe* (¹) *para denunciarem o escândalo... escândalo que só existe na cabeça deles!...*

E o padre Soupe, deixando logo as caldeiradas com que estava entretido, desceu à arena, arregaçando as mangas de alpaca... e ficou de boca aberta perante a gravação de Artaud:

—Kékéisto? —suspirou ele e logo mandou chamar uns cinquenta mecos para eles lhe explicarem... mecos de Paris e de outros sítios!...

—Eu cá acho isto bonito demais — disse ele com muita prudência — mas nem eu nem vós somos ignorantes, são saímos agora do liceu... os qridozouvintes, esses é que são atrasados e estão muito crus, não os podemos incomodar... um momentinho, digam-me lá o que é que acham disto...

E o verbo de Antonin Artaud veio então chamuscar as mui parisienses barbas do seleccionado auditório:

—Onde cheirar a merda cheira a ser. Deus é um ser. Deus é um ser? Se é, é merda...

—Muito bem! —bradou o R. Pe. Laval aplaudindo freneticamente.

—Então? —interrogou o padre Soupe com ansiedade— Cheira ou não cheira a ser?...

Foi então que um fulano, muito inquieto, perguntou:

—Já que estamos todos de acordo... o programa vai ou não vai para o ar?...

—O quê?... Nunca!... —berrou o Padre Soupe, apanhado desprevenido.

Foi uma maravilha!... A assistência, por unanimidade, ficou entusiasmada com a emissão que acabava de ouvir e todos os nossos heróis dispersaram, felicitando-se mutuamente.

E Antonin Artaud ficou só, com os seus sonhos fulminados.

PIERRE LAROCHE

(¹) Père Soupe **tem um significado duplo: pode ser a abreviatura** de Padre Superior **e pode traduzir-se também por** padre Sopa. **(N.T.).**

* * *

Nota da Redacção: *O nosso amigo Pierre Laroche ficou visivelmente embalado com a emissão de Antonin Artaud. E com razão. É preciso fôlego, p...! É preciso muito fôlego!... Dito isto, o sr. Porcher Vladimir, príncipe consorte de D. Rádio, enviou para os jornais um comunicado a informar que o texto da emissão está à disposição, desafiando-os a publicá-lo integralmente.*

Nenhum deles achou por bem dizer: «Sus!»

O próprio Canard, *que não é hipócrita, não se iria arriscar a chafurdar numa poça que cheira a um tudo-nada de esterco e de água de bidé.*

O que nada tira ao génio do sr. Artaud.

Mas só os pardais é que têm a sorte de saborear a um tempo Pégaso mai-las suas caganitas.

Le Canard enchaîné, 11 de Fevereiro de 1948.

BRAVO, SR. PORCHÉ!

Os ouvintes escaparam de boa. A direcção dos programas da Rádio estava para nos fazer ouvir a 3 de Fevereiro pp. o programa do sr. Antonin Artaud É preciso acabar de vez com o juízo de deus. *O sr. Porché, director-geral, teve conhecimento do texto e proibiu-o. Depois, como havia outros que julgavam que a obra (de um realismo muito avançado) tinha real valor artístico, foi reunido um areópago literário a quem foi confiada a missão de julgar em último recurso.*

Este júri (que compreendia várias personalidades, tais como Jean Cocteau, Louis Jouvet, o Pe. Laval, René Clair, Paul Éluard) achou que o poema incriminado, mau grado a sua grosseria, era uma obra de arte original e deu-lhe direito a passar nas nossas ondas.

Uma vez mais o sr. Porché passou por cima disso e manteve a recusa.

«Aos senhores é fácil julgar — disse — porque não têm responsabilidades. Se estivessem no meu lugar, fariam como eu, proibiriam».

Damos a nossa plena aprovação ao sr. Porché. Há hoje a tendência para considerar a nossa Emissora Nacional um banco de ensaio para as piores cruezas. Se o público reclama obscenidades, é livre para ir procurá-las, mediante uma nota de mil francos, a qualquer obscura «boîte» nocturna. Mas a Rádio é um organismo público. Qualquer um a pode ouvir a qualquer hora do dia: basta ligar o posto. Um certo realismo não se compadece com uma audiência restrita, não o esqueçamos, e façamos ao sr. Porché a justiça de ter visto claro no meio deste debate.

JACQUES CHEGARAY
Témoignage chrétien, 13 de Fevereiro de 1948.

MAI-LO SEU TRALALÁ!

E lá se foi o programa de Antonin Artaud para o cesto dos papéis do padre Soupe, em nome da moral, do pudor e do bom-senso!

Seja!...

Ora vamos lá falar de moral, já que assim o querem. Não vou esconder-lhes a minha grande admiração por Colette e os meus excelentes sentimentos para com Jean Cocteau; simplesmente não creio que, a priori, as suas obras possam ser consideradas como moral em acção, moral tal como ela é concebida pelos censores de A. Artaud.

Porque, ao fim e ao cabo, Gigi *— muito bem adaptada por Agathe Mella — mais não é que uma moça que a mãe e a avó procuram vender por bom dinheiro a um «estroina» já maduro!*

Cá por nós não há azar, minha rica Biquette, mas então como é que não reparaste que a aventura era um tanto picante?...

Quanto ao Chéri, *parece-me, se mo permitem, tratar-se de um chulo posto de choco por uma cortesã na menopausa...*

Coisas muito pouco bonitas, virtuoso padre Soupe!

O caso do sr. Jean Cocteau também não é lá muito claro. Os seus Enfants Terribles *a modos que são pela chamada má vida, o que não deixará de arrelampar os papás, muito mais terríveis ainda.*

Então?...

Ó Biquette, ó querida folhinha de alface, lá por o teu nome rimar com girouette (1) não há razão para nos quereres impingir o Rei Édipo como a reincarnação do Polegarzinho, Messalina como a Bela Adormecida e o Marquês de Sade como o sr. Jean Aicard!

E os excessos de linguagem de um poeta tocado na fronte pelas Parcas, parecem-me infinitamente menos ordinários e aviltantes que certas cançonetas «delicadas» com que Dona Rádio se delicia a todo o comprimento de suas ondas!

Pum-pum-tra-laralá ao poder!...

PIERRE LAROCHE
Le Canard enchaîné, 18 de Fevereiro de 1948.

Podemos ainda encontrar artigos sobre este caso nos periódicos seguintes:
Ambiance, **Arts**, **l'Aube**, **la Bourgogne républicaine** (Dijon), **Carrefour**, **Dernière Heure** (Marselha), **Dernières Nouvelles de Strasbourg**, **l'Écho de Pacy**, **Filles de France**, **la France au combat**, **France-Dimanche**, **Gavroche**, **l'Hebdomadaire de l'Ouest** (Le Mans), **le Hérisson**, **l'Intran-**

---

(1) Girouette é catavento e Biquette (cabrinha), como o texto deixa ver, é o nome que Laroche dá, nas suas crónicas, à Rádio. Ver a sua crónica de 11 de Fevereiro, também no Canard Enchaîné. (N. T.)

sigeant, le Journal du Centre (Nevers), **les Lettres françaises, Libération, le Merle, le Monde, Mon Programme, Noir et blanc, Opéra, Point de vue, le Progrès de Lyon, Radio-Programmes, Records, le Rouergue républicain** (Rodez), **Samedi-Soir, la Semaine radiophonique, Spectateur, Sud-Ouest** (Bordeaux), etc.

Antes de deixar definitivamente o seu posto, Fernand Pouey organizou, a pedido de Antonin Artaud, uma nova audição da emissão num local mais amplo do que um estúdio radiofónico, de modo a poder receber as pessoas a quem queria fazê-la ouvir. Logo que conheceu a decisão final de Wladimir Porché, Artaud ditou aliás este curto texto:

Tendo sido proibida, por ordem do senhor Wladimir Porché, a emissão de Antonin Artaud, e considerando que um grande número de pessoas continuam a desejar conhecê-la, pedimos que possa ser feita uma nova transmissão que permita a todos os amadores livres da Rádio ouvi-la integralmente.

Esta segunda audição privada (o público tinha recebido cartões de convite) teve lugar, numa sala anexa da Radiodifusão, um antigo cinema transformado, o *Washington*, no dia 23 de Fevereiro, às 21 horas. Alguns jornais noticiaram-na ou aproveitaram-se dela para voltar ao assunto. Como segue:

ACABARAM COM O JUIZO DE DEUS

A Radiodifusão Francesa pedira ontem à noite a certos «amigos» para assistirem à «audição» (sic) privada de Para acabar de vez com o juízo de deus, *de Antonin Artaud.*

Gritos desarticulados, palavras grosseiras, tiradas incoerentes, Deus, os excrementos, a fecundação artificial, a castração, tudo isso foi berrado pelo autor com a sua voz demente, substituída, quando falhava, pela de Maria Casarès, de Roger Blin, por tantans e um ruído de dança de escalpes: com este ritmo, a emissão durou 45 minutos.

No final, timidamente, algumas pessoas abstiveram-se de aplaudir.

Desta vez felicitamos sinceramente o sr. Porché por ter recusado a antena a esta transmissão que teria desconcertado e chocado um pouco os senhores ouvintes que ainda acreditam na diferença entre génio e loucura, verdade e snobismo.

F. D.
L'Ordre, 24 de Fevereiro de 1948.

SOBRE UMA EMISSÃO RADIOFÓNICA ADIADA

Há dias, algumas personalidades literárias foram convidadas a escutar, em audição privada, num estúdio da radiodifusão francesa, uma emissão que deveria ter sido difundida no canal de Paris e que o sr. Porché, director da rádio, adiou depois de a ter ouvido. Em espírito de amigável discussão, o sr. Fernand Pouey, responsável pelos programas literários, queria saber a opinião dos seus convidados sobre a questão do «direito à expressão radiofónica de um poeta como Antonin Artaud*».*

Não sendo muito conhecido pelo grande público, este poeta goza de grande reputação entre os literatos da vanguarda. Solicitado para escrever um texto radiofónico, mantivera-se fiel à personalidade. O resultado foi tal que motivou a decisão do sr. Porché, que achou serem as exigências de 15 milhões de ouvintes diversas das de um círculo de iniciados.

Não é possível dizer com clareza em que é que consistia a emissão. Indique-se, para já, que se trata de um documento psico-patológico capaz de meter medo ao ouvinte médio.

Fosse qual fosse, porém, o juízo de valor a fazer sobre o texto, a verdadeira questão era a oportunidade da sua difusão. O areópago, no *seu conjunto, concluiu a favor da liberdade de expressão, embora lamentando que o prólogo tivesse um aspecto político. Causou sucesso o R. Pe. Laval, dominicano, o qual, ao ser-lhe pedida a sua opinião, se pronunciou também a favor da liberdade, porque «sempre que um homem grita a sua dor e o seu desespero sem fazer batota, é de valer a pena».*

É o que se chama dar provas de excessiva abertura de espírito apostólico! Porque o texto de Antonin Artaud não seria interpretado como um grito de dor ou de desespero pela imensa maioria do público, mas como o vociferar de um demente. A sua virtude poética — se é que a tem — ficaria prejudicada com a vulgarização. Só impropriamente se pode falar do «direito de expressão» do autor. Esse direito não lhe é contestado a não ser na rádio, a qual, encontrando-se mormente sob a alçada do Estado, não pode ser destinada às obras de laboratório. É aqui que a liberdade de cada um é limitada pelas conveniências de todos!

La Croix, 29 de Fevereiro de 1948.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO NO MÊS DE JULHO DO ANO
MIL NOVECENTOS E SETENTA E CINCO NAS OFICINAS GRÁFICAS DA
TIPOGRAFIA GARCIA & CARVALHO, LDA. — RUA SANTO ANTÓNIO DA
GLÓRIA, 90, LISBOA — PARA O *& ETC.*